O CONHECIMENTO QUE NOS APROXIMA DO ABSOLUTO

Śrī Īśopaniṣad

Sua Divina Graça
A.C. BHAKTIVEDANTA SWAMI PRABHUPĀDA
Ācārya-Fundador da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna

1

īśāvāsyam idam sarvaṁ

yat kiñca jagatyāṁ jagat

tena tyaktena bhuñjīthā

mā gṛdhaḥ kasya svid dhanam

PALABRA POR PALABRA

īśa – pelo Senhor; *āvāsyam* – controlado; *idam* – isto; *sarvam* – tudo; *yat kiñca* – o que quer que seja; *jagatyām* – dentro do universo; *jagat* – tudo o que é animado ou inanimado; *tena* – por Ele; *tyaktena* – a cota estabelecida; *bhuñjīthāḥ* – deverias aceitar; *mā* – não; *gṛdhaḥ* – te esforces para obter; *kasya svit* – de mais ninguém; *dhanam* – a riqueza.

TRADUCCIÓN

Tudo o que é animado ou inanimado dentro do universo é controlado e possuído pelo Senhor. Deve-se, portanto, aceitar apenas as coisas necessárias para si mesmo, que estão reservadas como a cota de cada um, e não se devem aceitar outras coisas, sabendo bem a Quem elas pertencem.

SIGNIFICADO

O conhecimento Védico é infalível porque desce através da perfeita sucessão discipular de mestres espirituais, começando com o próprio Senhor. O conhecimento Védico é recebido de fontes transcendentais, e a primeira palavra foi falada pelo próprio Senhor. As palavras faladas pelo Senhor chamam-se apauruṣeya, ou seja, não são proferidas por nenhuma pessoa do mundo mundano. Um ser vivo do mundo mundano tem quatro defeitos, que são: 1. ele certamente comete erros; 2. às vezes, ele se ilude; 3. ele tenta enganar os outros; e 4. ele é dotado de sentidos imperfeitos. Com esses quatro princípios de imperfeição, não se pode transmitir informação perfeita no que diz respeito ao conhecimento onipenetrante. Os Vedas não são conhecidos dessa maneira.

O conhecimento Védico foi originalmente transmitido ao coração de Brahmā, o primeiro ser vivo criado, e Brahmā, por sua vez, disseminou o conhecimento a seus filhos e discípulos, que continuaram o processo ao longo da história. Sendo o Senhor pūrṇam, ou todo-perfeito, não há possibilidade de Ele Se sujeitar às leis da natureza material, ao passo que as entidades vivas e os objetos inanimados são todos controlados pelas leis da natureza e, portanto, em última análise, pela potência do Senhor. Este Īśopaniṣad é parte do Yajur Veda e, como tal, contém informações quanto à propriedade de todas as coisas que existem dentro do universo. Esse ponto é confirmado pelo Bhagavad-gītā, no Sétimo Capítulo, onde se discutem parā e aparā prakṛti: os elementos da natureza — terra, água, fogo, ar, céu, mente,

inteligência e ego — pertencem todos à energia inferior, ou material, do Senhor, ao passo que o ser vivo, a energia orgânica, é a energia superior, a parā prakṛti, do Senhor.

Ambas as prakṛtis, ou energias, são emanações do Senhor, e, em última análise, Ele é o Controlador de tudo o que existe. Não há nada no universo que não pertença à parā ou à aparā prakṛti; por conseguinte, tudo está sob o direito de propriedade do Ser Supremo. O Ser Supremo, a Absoluta Personalidade de Deus, sendo a Pessoa completa, tem a inteligência completa e perfeita para ajustar tudo por meio de Suas diferentes potências. O Ser Supremo é muitas vezes comparado ao fogo, e tudo — orgânico e inorgânico — é comparado ao calor e à luz do fogo. O fogo distribui energia em forma de calor e luz, e, de modo semelhante, o Senhor manifesta Sua energia de diferentes maneiras. E Ele permanece o Controlador, Sustentador e Ditador último de tudo.

Ele é pleno de todas as potências, o Conhecedor de tudo, o Benfeitor de todos, e é pleno de todas as opulências inconcebíveis: poder, riqueza, fama, beleza, conhecimento e renúncia. Deve-se, portanto, ser inteligente o bastante para saber que, exceto o Senhor, ninguém é proprietário de coisa alguma; deve-se aceitar somente as coisas que o Senhor reserva como a cota de cada um. A vaca, por exemplo, dá leite, mas ela não bebe o leite. Seu leite é designado como alimento para o ser humano. A vaca come capim e palha, mas não bebe seu próprio leite. Tal é o arranjo do Senhor, e devemos estar satisfeitos com as coisas que Ele mui bondosamente reservou para nós.

Devemos sempre considerar a Quem realmente pertencem as coisas que possuímos. Tomemos, por exemplo, nossa casa, que é feita de terra, madeira, pedra, ferro, cimento e tantas outras coisas materiais. Se pensarmos em termos do Śrī Īśopaniṣad, saberemos então que não podemos produzir por nós mesmos nenhum dos materiais de construção acima mencionados. Podemos simplesmente juntá-los e transformá-los em diferentes formas com o nosso trabalho. Um trabalhador não pode alegar ser o proprietário de uma coisa apenas porque trabalhou arduamente para manufaturá-la. Há sempre essa grande disputa entre os trabalhadores e os capitalistas na sociedade atual. A disputa agora tomou proporções internacionais, e o mundo está em perigo.

Os homens se encaram com inimizade, tal como cães e gatos a rosnar. O Śrī Īśopaniṣad não pode dar conselhos aos cães e gatos, mas entrega a mensagem de Deus ao homem por intermédio dos ācāryas genuínos, ou mestres santos. E a raça humana pode receber do Śrī Īśopaniṣad esta sabedoria Védica: ninguém deve brigar por posses materiais. Cada um deve estar satisfeito com os privilégios que lhe são dados pela misericórdia do Senhor. Não pode haver paz se o comunista, o capitalista ou qualquer outro partido alegar ser o proprietário dos recursos da natureza, que são inteiramente propriedade do Senhor. O capitalista não pode subjugar o comunista simplesmente por meio de manobras políticas, nem pode o comunista derrotar o capitalista simplesmente lutando pelo pão roubado.

Se eles não reconhecerem a propriedade da Suprema Personalidade de Deus, então toda a propriedade que alegam ser sua é roubada e, portanto, eles estarão sujeitos à punição pelas leis da natureza. A Bomba está nas mãos tanto dos comunistas quanto dos capitalistas, e, se ambos não reconhecerem a propriedade do Senhor Supremo, é certo e seguro que, em última análise, a Bomba arruinará ambos os partidos. Logo, a fim de se salvarem, ambos devem seguir a instrução do Śrī Īśopaniṣad e, dessa forma, trazer paz ao mundo. Os seres humanos não se destinam a brigar como cães e gatos. Eles devem ser inteligentes o bastante para compreender a importância da vida humana e perceber o objetivo da vida humana.

A literatura Védica destina-se à humanidade, e não aos cães e gatos. Os cães e gatos podem matar outros animais para se alimentarem, e nisso não há possibilidade de pecado da parte deles. Mas, se um homem mata um animal para a satisfação de seu paladar descontrolado, ele é responsável por quebrar as leis da natureza e, portanto, deve ser punido. Há um padrão de vida para os seres humanos que não pode aplicar-se aos animais. O tigre não come arroz, trigo nem leite de vaca, porque lhe foi dada sua cota de alimento em forma de comida animal. Há muitos animais e pássaros que são vegetarianos ou não vegetarianos, mas nenhum deles transgride as leis da natureza, conforme foram ordenadas pela vontade do Senhor.

Entre os seres vivos — sejam animais, pássaros ou répteis —, há estrita adesão às leis da natureza, e por isso não há

possibilidade de pecado para eles, nem as instruções Védicas se destinam a eles. Somente a vida humana, então, é uma vida de responsabilidade. Também é errado considerar que, pelo simples fato de se tornar vegetariana, a pessoa pode salvar-se de transgredir as leis da natureza. Os vegetais também têm vida. Uma vida destina-se a alimentar outro ser vivo, e essa é a lei da natureza. Não se deve ter orgulho de ser um vegetariano estrito. Os animais não têm consciência desenvolvida para reconhecer o Senhor, mas o ser humano é suficientemente inteligente para receber lições da literatura Védica e, desse modo, saber como funcionam as leis da natureza e tirar proveito desse conhecimento.

Se um homem negligencia as instruções da literatura Védica, sua vida corre grande risco. Exige-se, portanto, que o ser humano reconheça a autoridade do Senhor Supremo. Ele deve ser um devoto do Senhor. Deve oferecer tudo ao serviço do Senhor e partilhar apenas dos restos dos alimentos oferecidos ao Senhor. Isso o capacitará a cumprir adequadamente seu dever. No Bhagavad-gītā, o Senhor afirma diretamente que aceita os alimentos vegetais das mãos de um devoto puro. Portanto, o ser humano não deve apenas tornar-se um vegetariano estrito, mas deve também tornar-se devoto do Senhor, oferecer-Lhe toda a sua comida e somente então partilhar do prasādam, ou misericórdia de Deus.

Semelhante devoto pode cumprir adequadamente o dever da vida humana. Aqueles que não o fazem estão comendo apenas

pecados e, assim, ficarão sujeitos aos diferentes tipos de sofrimento, que são o resultado dos vários pecados. A raiz do pecado é a desobediência deliberada às leis da natureza, por não se reconhecer a propriedade do Senhor. A desobediência às leis da natureza, ou desobediência à ordem do Senhor, trará ruína ao ser humano. Por outro lado, quem for sóbrio e conhecer as leis da natureza, sem se deixar influenciar por apego ou aversão desnecessários, certamente será reconhecido de novo pelo Senhor e, assim, se tornará elegível para voltar ao Supremo, de volta ao Lar eterno.

2

kurvann eveha karmāṇi

jijīviṣec chataṁ samāḥ

evaṁ tvayi nānyatheto 'sti

na karma lipyate nare

PALABRA POR PALABRA

kurvan – fazendo continuamente; *eva* – assim; *iha* – durante este período de vida; *karmāṇi* – trabalho; *jijīviṣet* – deve-se desejar viver; *śatam* – cem; *samāḥ* – anos; *evam* – vivendo assim; *tvayi* – para ti; *na* – não; *anyathā* – alternativa; *itaḥ* – deste caminho; *asti* – há; *na* – não; *karma* – o trabalho; *lipyate* – pode atar; *nare* – um homem.

TRADUCCIÓN

Pode-se aspirar a viver centenas de anos caso se continue trabalhando dessa maneira, pois essa espécie de trabalho não prende a pessoa à lei do karma. E não há para o homem alternativa a esse caminho.

SIGNIFICADO

Ninguém quer morrer, e todos querem viver o máximo que conseguirem se arrastar. Esse temperamento é visível não apenas

individualmente, mas também coletivamente, na comunidade, na sociedade e na nação. Há uma árdua luta pela vida em todas as classes de entidades vivas, e o Veda diz que isso é muito natural para o ser vivo. O ser vivo é eterno por natureza, mas, devido a seu cativeiro na existência material, tem de mudar de corpo, de um para outro. Esse processo se chama transmigração da alma. Essa transmigração também é chamada karma-bandhana, ou o estado de estar atado pelo próprio trabalho. A entidade viva tem de trabalhar para o seu sustento, porque essa é a lei da Natureza material, e, se não agir de acordo com os deveres prescritos de sua vida específica, transgredirá a lei da Natureza, atando-se cada vez mais ao ciclo de nascimentos e mortes.

O ciclo de nascimentos e mortes está presente nas formas de vida diferentes da humana. Quando a entidade viva obtém a oportunidade da vida humana, contudo, essa é a sua oportunidade de libertar-se da cadeia da lei do karma. Karma, akarma e vikarma são princípios explicados com muita clareza no Bhagavad-gītā. As ações executadas conforme os deveres prescritos mencionados nas Escrituras reveladas chamam-se karma. As ações que libertam a pessoa do ciclo de nascimentos e mortes chamam-se akarma. E as ações realizadas mediante o mau uso da própria liberdade, dirigindo a pessoa às regiões inferiores da vida, chamam-se vikarma. Dessas três categorias de atividades, os homens inteligentes preferem aquela que liberta a pessoa de um cativeiro adicional ao karma.

Os homens comuns querem realizar boas obras a fim de serem reconhecidos e alcançarem alguma posição de vida neste mundo ou no céu, mas os homens mais avançados querem ficar inteiramente livres das ações e reações do trabalho. Os homens inteligentes sabem bem que tanto as boas quanto as más obras são igualmente causas das misérias materiais da vida. Em consequência, buscam executar um trabalho que os liberte das reações do trabalho bom e do mau. Essa liberdade em relação ao trabalho bom e mau é o que se estabelece aqui no Śrī Īśopaniṣad. A instrução do Śrī Īśopaniṣad é explicada com mais detalhes no Bhagavad-gītā, às vezes chamado Gītopaniṣad, a nata de todos os Upaniṣads. No Bhagavad-gītā, a Personalidade de Deus diz que ninguém pode alcançar o estado de naiṣkarma, ou akarma, sem começar pelos deveres prescritos mencionados na literatura Védica.

A literatura Védica pode regular a energia de trabalho do ser humano de tal maneira que ele possa compreender gradualmente a autoridade do Ser Supremo. Quando alguém compreende a autoridade da Personalidade de Deus, deve-se entender que alcançou a etapa do conhecimento positivo. Nessa etapa purificada da vida, em que os modos da Natureza — a saber, bondade, paixão e ignorância — não podem agir, a pessoa fica capacitada a trabalhar com base no naiṣkarma, ou seja, o trabalho que não a prende ao ciclo de nascimentos e mortes. Na verdade, ninguém precisa fazer nada além de prestar serviço devocional ao Senhor. Na etapa inferior da vida, contudo, não se

podem adotar de imediato as atividades do serviço devocional, nem se pode parar por completo o trabalho que gera reações.

A alma condicionada está acostumada a trabalhar em prol da gratificação dos sentidos, em prol de seu próprio interesse egoísta, imediato ou ampliado. O homem comum quer trabalhar para o seu próprio gozo dos sentidos, e, quando o princípio do gozo dos sentidos se amplia do indivíduo para a sociedade coletiva, a nação ou a humanidade em geral, ele assume vários nomes atraentes, tais como altruísmo, socialismo, comunismo, nacionalismo, humanitarismo etc. Esses "ismos" são, sem dúvida, formas muito atraentes de karma-bandhana, o cativeiro do próprio trabalho, mas a instrução Védica do Śrī Īśopaniṣad é a seguinte: se a pessoa realmente vive para qualquer um dos "ismos" acima, deve fazê-los centrados em Deus. Não há mal algum em tornar-se um homem de família, um altruísta, socialista, comunista, nacionalista ou humanitarista — contanto que todas essas atividades sejam executadas em relação com īśāvāsya, a concepção centrada em Deus.

As atividades centradas em Deus são avaliadas no Bhagavad-gītā como tão valiosas que mesmo um pouquinho delas pode salvar a pessoa do maior perigo. O maior perigo da vida é deslizar novamente para o ciclo evolutivo de nascimentos e mortes. Se, de um modo ou de outro, o homem perde a oportunidade espiritual oferecida por sua forma humana de vida e, desse modo, desliza de novo para o ciclo evolutivo, isso deve ser considerado o incidente mais lamentável, embora o homem

tolo não consiga ver isso, devido a seus sentidos defeituosos. O Śrī Īśopaniṣad nos aconselha, portanto, a empregar nossa energia no espírito de īśāvāsya, e, nessa ocupação, podemos desejar viver por muitos e muitos anos. Caso contrário, a vida longa de uma pessoa não é melhor que a de uma árvore, que também é um ser vivo e vive centenas e centenas de anos.

Não há sentido em viver longamente como as árvores, ou respirar como os foles, ou gerar filhos como o porco e o cão, ou comer como o camelo. Mesmo uma vida humilde, com atividades centradas em Deus, é mais valiosa que a colossal farsa do suposto altruísmo ou socialismo sem nenhuma relação com Deus. Quando atividades como o altruísmo são executadas no espírito do Śrī Īśopaniṣad, cada uma delas se torna uma forma de karma-yoga, como se recomenda no Bhagavad-gītā. E isso garante a quem as executa proteção contra os perigos do processo evolutivo de nascimentos e mortes. Essas atividades centradas em Deus, mesmo quando ficam pela metade, ainda assim são boas para quem as executa, porque lhe garantirão a forma humana de vida no próximo nascimento. Dessa maneira, a pessoa pode ter outra oportunidade de melhorar sua posição no caminho da liberação.

3

asuryā nāma te lokā

andhena tamasāvṛtāḥ

tāṁs te pretyābhigacchanti

ye ke cātma-hano janāḥ

PALABRA POR PALABRA

asuryāḥ – destinados aos asuras; *nāma* – célebres por esse nome; *te* – esses; *lokāḥ* – planetas; *andhena* – pela ignorância; *tamasā* – pela escuridão; *āvṛtāḥ* – cobertos; *tān* – esses planetas; *te* – eles; *pretya* – depois da morte; *abhigacchanti* – entram em; *ye* – quem quer que seja; *ke* – todos; *ca* – e; *ātma-hanaḥ* – os assassinos da alma; *janāḥ* – pessoas.

TRADUCCIÓN

O assassino da alma, seja ele quem for, há de entrar nos planetas conhecidos como os mundos dos infiéis, plenos de escuridão e ignorância.

SIGNIFICADO

A vida humana distingue-se da vida animal por causa de suas pesadas responsabilidades. Aqueles que estão conscientes dessas responsabilidades e trabalham nesse espírito chamam-se suras,

os divinos. E aqueles que negligenciam essas responsabilidades, ou que não têm nenhuma informação sobre elas, chamam-se asuras, ou demônios. Em todo o universo, há apenas essas duas classes de seres humanos. No Ṛg Veda, afirma-se que os suras visam sempre aos Pés de Lótus do Supremo Senhor Viṣṇu e agem de acordo com isso. Seus caminhos são tão iluminados quanto a senda do Sol. Os seres humanos inteligentes devem sempre lembrar que esta forma específica de corpo é obtida depois de uma evolução de muitos milhões de anos de transmigração da alma.

Este mundo material às vezes é comparado a um oceano, e este corpo humano é comparado a um barco sólido, projetado para atravessar esse oceano. As escrituras Védicas e os ācāryas, ou mestres santos, são comparados ao barqueiro experiente, e as facilidades do corpo humano são comparadas às brisas favoráveis, que ajudam o barco a navegar com tranquilidade até o destino desejado. Se, com todas essas facilidades, a pessoa não utilizar plenamente sua vida humana para a autorrealização, esse asura deve ser considerado ātma-hana, um matador da alma. O matador da alma está destinado a entrar na mais escura região da ignorância para sofrer perpetuamente, e eis aqui uma advertência do Śrī Īśopaniṣad em termos claros.

Há porcos, cães, camelos, asnos etc., cujas necessidades econômicas são tão importantes quanto as nossas. Mas os problemas econômicos desses animais são resolvidos em condições repugnantes, ao passo que ao ser humano as leis da

Natureza concedem todas as facilidades para uma vida confortável, porque a forma humana de vida é mais importante que a vida animal. E por que se dá ao homem uma vida melhor que a do porco e de outros animais? Por que um servidor altamente colocado recebe todas as facilidades de uma vida confortável, e não um escriturário comum? A resposta é que o funcionário altamente colocado tem de desempenhar deveres de natureza superior. Da mesma forma, o ser humano tem na vida deveres mais elevados que os dos animais, que estão sempre ocupados na tarefa de alimentar seus estômagos famintos.

Contudo, a moderna civilização matadora de almas só fez aumentar os problemas do estômago faminto. A moderna civilização matadora de almas só fez aumentar os problemas de um estômago faminto. Aproximamo-nos de algum animal polido, um homem moderno e civilizado, e ele diz que quer trabalhar pela satisfação do estômago e que não há necessidade de autorrealização. Mas as leis da Natureza são tão cruéis que, apesar de sua avidez por trabalhar arduamente pelo estômago, há sempre a questão do desemprego, mesmo depois de ele ter renunciado à perspectiva da autorrealização. Não recebemos esta forma humana de vida para trabalhar arduamente como o asno, o porco e o cão, mas para alcançar a mais elevada perfeição da vida.

Se não nos importarmos com a autorrealização, pela lei da Natureza teremos de trabalhar mui arduamente, ainda que não o queiramos. Nesta era, o ser humano tem sido forçado a trabalhar

arduamente como o asno e o boi, puxando carroças. Esses são alguns exemplos das regiões para onde o asura é enviado a trabalhar, reveladas por este verso do Śrī Īśopaniṣad. Se o homem deixa de cumprir seus deveres como ser humano, é forçado a transmigrar para os planetas chamados asurya, nas espécies degradadas de vida, para trabalhar arduamente em ignorância e escuridão. No Bhagavad-gītā, também se afirma que os homens semiautorrealizados — que em suas vidas anteriores não puderam completar o processo de aproximação de Deus, mas que se esforçaram sinceramente por isso; em outras palavras, aqueles que não lograram êxito em compreender sua relação com Deus — recebem a oportunidade de aparecer na família de śuci ou de śrīmata.

Śuci significa um brāhmaṇa espiritualmente avançado, e śrīmata significa um vaiśya, ou membro da comunidade mercantil. Isso quer dizer que esses candidatos caídos recebem uma oportunidade melhor de cultivar a autorrealização, em virtude de seus esforços sinceros em vidas passadas. Se aos candidatos caídos se dá a oportunidade de nascer em famílias nobres e respeitáveis, mal podemos imaginar a condição daqueles que alcançaram pleno êxito na tentativa. O simples fato de fazer uma tentativa de compreender Deus já é garantia de que o próximo nascimento se dará em uma família nobre. Mas aqueles que não fazem tentativa alguma nesse sentido, e que desejam permanecer cobertos pela ilusão, materialistas demais e apegados ao gozo material, terão de entrar na mais escura região do inferno, como confirma toda a literatura Védica.

Esses asuras materialistas às vezes fazem um espetáculo de religiosidade com o objetivo último de prosperidade material. O Bhagavad-gītā, contudo, repreende-os como homens chamados grandes com base na falsa perfeição, fortalecidos pelos votos dos ignorantes e pela riqueza material. Esses asuras, desprovidos de autorrealização e da concepção de īśāvāsya, o Senhor, certamente entrarão nas regiões mais escuras. A conclusão é que, como seres humanos, não nos destinamos apenas a resolver problemas econômicos numa plataforma vacilante; destinamo-nos também a resolver os problemas da vida material em que fomos colocados pelas condições da Natureza.

4

anejad ekaṁ manaso javīyo

nainad devā āpnuvan pūrvam arṣat

tad dhāvato 'nyān atyeti tiṣṭhat

tasminn apo mātariśvā dadhāti

PALABRA POR PALABRA

anejat – fixo; *ekam* – um; *manasaḥ* – do que a mente; *javīyaḥ* – mais veloz; *na* – não; *enat* – este Senhor Supremo; *devāḥ* – os semideuses como Indra etc.; *āpnuvan* – podem aproximar-se; *pūrvam* – diante; *arṣat* – movendo-se rapidamente; *tat* – Ele; *dhāvataḥ* – os que correm; *anyān* – a outros; *atyeti* – ultrapassa; *tiṣṭhat* – permanecendo em um lugar; *tasmin* – nEle; *apaḥ* – a chuva; *mātariśvā* – os deuses que controlam o vento e a chuva; *dadhāti* – suprem.

TRADUCCIÓN

A Personalidade de Deus, embora fixa em Sua Morada, é mais veloz que a mente e pode ultrapassar todos os outros na corrida. Os poderosos semideuses não podem aproximar-se dEle. Embora esteja em um só lugar, Ele controla aqueles que fornecem o ar e a chuva. Ele supera a todos em excelência.

SIGNIFICADO

O Senhor Supremo, que é a Absoluta Personalidade de Deus, não pode ser conhecido nem mesmo pelo maior dos filósofos por meio da especulação mental. Ele só pode ser conhecido por Seus devotos, mediante a Sua misericórdia. No Brahma-saṁhitā, afirma-se que o filósofo não devoto, que pode viajar à velocidade da mente, ou à velocidade do ar, e que pode viajar pelo espaço durante centenas de anos, ainda encontrará o Absoluto muito, muito longe dele. Como se descreve nos Upaniṣads, a Absoluta Personalidade de Deus tem Sua Morada transcendental, conhecida como Kṛṣṇa-loka, onde Ele permanece, ocupado em Seus Passatempos. Mas, por Sua potência inconcebível, Ele pode alcançar simultaneamente todas as partes da energia criadora. No Viṣṇu Purāṇa, essa potência é comparada à luz e ao calor do fogo.

O fogo pode distribuir sua luz e seu calor a partir de um só lugar; de modo semelhante, a Absoluta Personalidade de Deus, embora fixa em Sua Morada transcendental, pode difundir Suas diferentes energias por toda parte. Tais energias são inumeráveis, mas se classificam principalmente em três: a potência interna, a potência marginal e a potência externa. Em cada uma delas, há centenas e milhões de subdivisões. Os semideuses dominantes, que recebem poder para controlar a administração dos fenômenos naturais, tais como o ar, a luz, a chuva etc., classificam-se todos dentro da potência marginal da Pessoa Absoluta. Os seres vivos, incluindo os humanos, também são produtos da potência marginal do Senhor. O mundo material

é a criação da potência externa do Senhor, e o céu espiritual, onde se situa o Reino de Deus, é a manifestação de Sua potência interna.

As diferentes energias do Senhor Supremo estão representadas em toda parte por Suas diferentes potências. Embora não haja diferença entre Ele e Suas energias, ninguém deve concluir erroneamente que o Senhor Supremo, estando assim distribuído por toda parte, tem Sua existência Pessoal apenas no Brahman impessoal. Os homens estão acostumados a chegar a conclusões somente segundo sua própria capacidade de compreensão. Mas o Senhor Supremo não está sujeito à nossa limitada capacidade de compreendê-lO. É por essa razão que os Upaniṣads nos advertem: ninguém pode aproximar-se do Senhor mediante sua própria potência limitada. No Bhagavad-gītā, o Senhor diz que ninguém, nem mesmo os grandes ṛṣis e suras, pode conhecê-lO. O que dizer, então, dos asuras, que nem sequer estão qualificados para compreender os caminhos do Senhor?

Todas essas palavras mencionadas no Mantra Quatro do Śrī Īśopaniṣad sugerem com muita clareza que a Verdade Absoluta é, em última análise, a Pessoa Absoluta; caso contrário, não teria havido necessidade de mencionar tantas coisas variadas em apoio a Seus aspectos Pessoais. As partes integrantes individuais das potências do Senhor, embora tenham todos os sintomas do próprio Senhor, têm esferas de atividade limitadas e, portanto, são todas limitadas. As partes integrantes nunca são iguais ao todo. Por conseguinte, as partes integrantes não podem apreciar

a plena potência do Senhor. Seres vivos tolos e ignorantes, que são partes integrantes do Senhor, sob a influência da energia material, tentam fazer conjeturas sobre a posição transcendental do Senhor.

O Śrī Īśopaniṣad adverte-os a não fazer nenhuma especulação mental sobre a identidade do Senhor. Deve-se procurar conhecer a Transcendência a partir da fonte superior, os Vedas, que já têm conhecimento da Transcendência. Cada parte do Todo Completo é dotada de alguma energia específica para agir, e o esquecimento, por essa parte, de suas atividades específicas chama-se māyā, ilusão. O Śrī Īśopaniṣad, portanto, desde o próprio início, advertiu-nos de que devemos ter o cuidado de desempenhar o papel que o Senhor nos designou. Isso, porém, não significa que a alma individual não tenha iniciativa própria. Por ser parte integrante do Senhor, ela também deve ter a iniciativa do Senhor.

O uso adequado da própria iniciativa, da natureza ativa, com a inteligência para compreender que tudo não passa da potência do Senhor, pode levar a pessoa a reviver sua consciência original, perdida por causa da associação com māyā, a energia externa. Todo poder é obtido do Senhor, e, em consequência, cada poder específico deve ser utilizado para executar a vontade do Senhor, e não de outra maneira. O Senhor pode ser conhecido por quem adota uma atitude submissa. Conhecimento perfeito significa conhecer o Senhor em todos os Seus aspectos, conhecer Suas potências e a maneira como essas potências agem por Sua

vontade. Essas coisas são descritas exclusivamente pelo Senhor no Bhagavad-gītā, que é a essência de todos os Upaniṣads.

5

tad ejati tan naijati

tad dūre tad v antike

tad antar asya sarvasya

tad u sarvasyāsya bāhyataḥ

PALABRA POR PALABRA

tat – este Senhor Supremo; *ejati* – caminha; *tat* – Ele; *na* – não; *ejati* – caminha; *tat* – Ele; *dūre* – longe; *tat* – Ele; *u* – também; *antike* – muito perto; *tat* – Ele; *antaḥ* – dentro; *asya* – disto; *sarvasya* – de tudo; *tat* – Ele; *u* – também; *sarvasya* – de tudo; *asya* – disto; *bāhyataḥ* – externo a.

TRADUCCIÓN

O Senhor Supremo anda e não anda. Ele está muito longe, mas também está muito perto. Ele está dentro de tudo e, ainda assim, está fora de tudo.

SIGNIFICADO

Eis aqui uma explicação das atividades transcendentais do Senhor Supremo por meio de Suas potências inconcebíveis. Mencionam-se aqui dois pares de palavras contraditórias para provar a potência inconcebível do Senhor. Ele anda e não anda.

Essas duas expressões são contraditórias. Se alguém pode andar, é impróprio dizer que não pode andar. Essas contradições mostram o poder inconcebível de Deus. Com nosso limitado fundo de conhecimento, não podemos acomodar tais coisas, e por isso o Senhor é concebido nos termos de nossos limitados poderes de compreensão. Os filósofos impersonalistas da escola māyāvāda aceitam apenas a parte impessoal das atividades do Senhor e refutam Seu aspecto Pessoal. A escola Bhāgavata, no entanto, aceita o Senhor de ambas as maneiras, isto é, como Pessoal e impessoal.

E os Bhāgavatas também aceitam Suas potências inconcebíveis. Sem a potência inconcebível, as palavras Senhor Supremo não têm sentido. Não devemos presumir que, só porque não podemos ver Deus diante de nossos olhos, o Senhor não tenha existência pessoal. Para refutar esse tipo de argumento, o Śrī Īśopaniṣad nos adverte que o Senhor está muito longe de nós, mas também está muito perto de nós. A Morada do Senhor está além do céu material. Não temos meios de medir sequer o céu material. Se apenas o céu material já está tão longe, tão longe de nós, o que dizer do céu espiritual, que está inteiramente além do céu material? Que o céu espiritual se situa muito, muito longe do mundo material é algo que o Bhagavad-gītā confirma ainda mais.

Mas, apesar de o Senhor estar tão longe, Ele pode, de imediato, em menos de um segundo, descer diante de nós com uma velocidade mais poderosa que a da mente ou a do ar. Ele

pode andar tão depressa que ninguém pode ultrapassá-lO. Esse fato já foi descrito no verso anterior. Quando a Personalidade de Deus vem assim diante de nós, contudo, nós O negligenciamos. Essa negligência por parte das pessoas tolas é condenada pelo Senhor no Bhagavad-gītā. O Senhor diz que os tolos zombam dEle, tomando-O por um dos seres mortais. Mas Ele não é um ser mortal, nem vem diante de nós com um corpo produzido pela Natureza material.

Há muitos supostos eruditos que dizem que, quando o Senhor desce, Ele o faz em um corpo de matéria, tal como um ser vivo comum. Esses homens tolos colocam o Senhor em nível de igualdade com o homem comum, desconhecendo Seu poder inconcebível. Por ser pleno de potências inconcebíveis, Deus pode aceitar nosso serviço por intermédio de qualquer espécie de meio, e pode converter Suas diferentes potências segundo a Sua própria vontade. Os descrentes argumentam que o Senhor não pode encarnar, ou que, se desce, o faz em uma forma de energia material. Esse argumento fica anulado se aceitarmos como realidades as Suas potências inconcebíveis. Mesmo que Ele apareça diante de nós em forma de energia material, é perfeitamente possível para Ele converter a energia material em energia espiritual.

Sendo uma única e a mesma a fonte das energias, as energias podem ser utilizadas adequadamente segundo a vontade dessa Fonte energética. Por exemplo, o Senhor aparece na Forma de Arcā, ou seja, Deidades supostamente feitas de terra ou pedra.

Essas formas, esculpidas em madeira, pedra ou qualquer outra matéria, não são ídolos, contudo, como sustentam os iconoclastas. No presente estado de nossa imperfeita existência material, não podemos ver o Senhor Supremo, por causa de nossa visão imperfeita. Mas, ainda assim, os devotos que querem vê-lO por meio da visão material são favorecidos pelo Senhor, que aparece numa forma aparentemente material para aceitar o serviço dos devotos. Isso não significa que esses devotos, que estão na etapa mais baixa do serviço devocional, estejam adorando um ídolo.

De fato, eles estão adorando o Senhor, que concordou em aparecer diante deles de uma maneira específica que lhes é acessível. Essa Forma Arcā não é moldada conforme a ordem ou o capricho do adorador. Ela existe eternamente, com toda a Sua parafernália. Isso pode ser realmente sentido por um devoto sincero, mas não por um ateu. No Bhagavad-gītā, o Senhor diz que trata Seu devoto na proporção do grau de rendição do devoto. Ele Se reserva o direito de não Se expor a qualquer um, exceto àqueles que se rendem a Ele. Por isso, para a alma rendida, Ele está sempre ao alcance, ao passo que, para a alma não rendida, Ele está muito, muito longe e não pode ser alcançado.

Há duas palavras nas Escrituras reveladas que são importantes a esse respeito: saguṇa e nirguṇa — com qualidades e sem qualidades. Saguṇa não significa que o Senhor fique sujeito às leis da Natureza material quando aparece, embora

tenha qualidades e apareça em forma material. Para Ele, não há diferença entre as energias material e espiritual, porque Ele é a Fonte de tais energias. Ele é o Controlador das diferentes energias e, como tal, não pode em momento algum estar sob a influência delas, como nós estamos. A energia material funciona sob Sua direção; portanto, Ele pode usar a energia material para o Seu propósito, sem jamais ser influenciado por nenhuma das qualidades de Suas energias.

Tampouco, com esse propósito, Ele Se torna em algum momento uma entidade sem forma. Em última análise, Ele é a Forma eterna, o Senhor Primordial. E a representação impessoal, ou refulgência Brahman, é o brilho de Seus raios Pessoais, assim como os raios do Sol são o brilho do deus do Sol. Quando o menino santo Prahlāda Mahārāja estava na presença de seu pai ateu, este lhe perguntou: "Onde está o seu Deus?" O menino Prahlāda respondeu que Deus reside em toda parte. O pai, então, perguntou com ira se o seu Deus estava dentro da coluna do palácio, e o menino disse que sim. No mesmo instante, o rei ateu despedaçou a coluna diante de si, e então o Senhor apareceu como Nṛsiṁha (a Encarnação metade homem, metade leão) de dentro da coluna e matou o rei ateu.

Isso significa que o Senhor está dentro de tudo o que é criado por Suas diferentes energias. E, por Seu poder inconcebível, Ele pode aparecer em qualquer lugar a fim de favorecer Seu devoto sincero. O Senhor Nṛsiṁha apareceu de dentro da coluna não por ordem do rei ateu, mas pelo desejo do devoto Prahlāda. Um

ateu não pode ordenar ao Senhor que apareça, mas, para mostrar misericórdia a Seu devoto, o Senhor pode aparecer em qualquer lugar e em toda parte. O Bhagavad-gītā confirma isso, na declaração de que o Senhor aparece para aniquilar os descrentes e proteger os crentes. Para aniquilar um descrente, é claro, o Senhor tem energias e agentes suficientes que podem fazer o trabalho; favorecer o devoto, porém, é uma tarefa que Lhe agrada, e por isso Ele desce como encarnação.

Ele assim o faz, então, apenas para favorecer Seus devotos, e não com nenhum outro propósito. No Brahma-saṁhitā, afirma-se que Govinda, o Senhor Primordial, entra em tudo mediante Sua porção plenária. Ele entra no universo, bem como no átomo do universo. Ele está fora, na Forma Virāṭa, e está dentro, como Antaryāmī. Como Antaryāmī, Ele é testemunha de tudo o que estamos fazendo, e nos dá o resultado de nossas ações como karma-phala. Nós mesmos podemos esquecer o que fizemos em vidas anteriores, mas, como o Senhor é a testemunha de nossas ações, o resultado de nossas ações está sempre presente, e temos de submeter-nos às reações de qualquer modo. De fato, não há nada além de Deus, por dentro e por fora.

Tudo se manifesta a partir de Suas diferentes energias, como o calor e a luz do fogo, o que significa que há unidade entre as diversas energias. Apesar dessa unidade, contudo, o Senhor desfruta em Sua Forma Pessoal de tudo aquilo que é desfrutável para os pequenos sentidos das pequenas entidades vivas que são partes integrantes.

6

yas tu sarvāṇi bhūtāny

ātmany evānupaśyati

sarva-bhūteṣu cātmānaṁ

tato na vijugupsate

PALABRA POR PALABRA

yaḥ – aquele que; *tu* – mas; *sarvāṇi* – todas; *bhūtāni* – entidades vivas; *ātmani* – em relação ao Senhor Supremo; *eva* – apenas; *anupaśyati* – observa de maneira sistemática; *sarva-bhūteṣu* – em cada ser vivo; *ca* – e; *ātmānam* – a Superalma; *tataḥ* – a partir de então; *na* – não; *vijugupsate* – odeia ninguém.

TRADUCCIÓN

A pessoa que vê tudo em relação com o Senhor Supremo, que vê todas as entidades como Suas partes integrantes e que vê o Senhor Supremo dentro de tudo jamais odeia coisa alguma, nem ser algum.

SIGNIFICADO

Eis aqui uma explicação do mahā-bhāgavata, a grande personalidade que vê tudo em relação com a Suprema Personalidade de Deus. Há três etapas na compreensão da

presença do Senhor Supremo. O kaniṣṭha-adhikārī, a pessoa que está na etapa mais baixa de compreensão do Senhor, vai a um lugar de adoração, como um templo, uma igreja ou uma mesquita, segundo seu tipo específico de fé religiosa, e ali adora conforme os preceitos das escrituras. Esses devotos pensam que o Senhor está presente no lugar de adoração e em nenhum outro lugar. Tais devotos não podem reconhecer quem está em que posição na linha devocional, nem quanto à compreensão do Senhor Supremo. Eles seguem as fórmulas rotineiras e às vezes disputam entre si, julgando um tipo específico de adoração melhor que outro.

Esses kaniṣṭha-adhikārīs, na etapa mais baixa da devoção, são chamados devotos materialistas, ou seja, aqueles que estão apenas tentando transcender o limite material para alcançar o plano espiritual. Logo acima desses kaniṣṭha-adhikārīs estão os madhyama-adhikārīs, os devotos que se encontram na etapa intermediária do serviço devocional. Esses madhyama-adhikārīs observam quatro princípios em relação ao Senhor Supremo, que são os seguintes: 1. eles veem, antes de tudo, o Senhor Supremo; 2. veem, em seguida, os devotos do Senhor; 3. veem também os inocentes, que não têm conhecimento acerca de Deus; e, por fim, 4. veem os ateus, que não têm fé no Senhor e odeiam aqueles que estão na linha devocional. O devoto madhyama-adhikārī comporta-se de modo diferente com relação aos quatro princípios acima mencionados.

Ele adora o Senhor, considerando-O o objeto do amor, e faz amizade com aqueles que estão na linha devocional. Ele procura despertar o amor a Deus adormecido no coração das pessoas inocentes, mas não se aproxima dos ateus, que zombam do próprio Nome do Senhor. Acima do madhyama-adhikārī está o devoto uttama-adhikārī, que vê tudo em relação com o Senhor Supremo. Ele não faz nenhuma discriminação particular entre o ateu e o teísta, mas vê em cada um deles a parte integrante de Deus. Ele sabe que não há diferença entre um brāhmaṇa vastamente erudito e um cão de rua, porque ambos são do Senhor, embora em corpos diferentes, devido às diferentes qualidades da ação material.

A partícula brāhmaṇa do Senhor Supremo não fez mau uso da pequena independência que o Senhor lhe deu, mas a partícula cão fez mau uso de sua independência e, em consequência, foi punida pela lei da Natureza, ficando enjaulada na forma ignorante de um cão. Sem considerar as respectivas ações do brāhmaṇa e do cão, o uttama-adhikārī procura fazer o bem a ambos. Esse devoto erudito do Senhor não se deixa enganar pelos corpos materiais do brāhmaṇa e do cão; ele se sente atraído pela centelha espiritual presente nas respectivas entidades. Aqueles que imitam o uttama-adhikārī em termos do senso de unidade ou fraternidade, mas que se comportam conforme as relações corporais, são falsos filantropos.

Por conseguinte, o conceito de fraternidade universal deve ser aprendido com o devoto uttama-adhikārī do Senhor, e não com

uma pessoa tola que não tem a visão adequada da alma individual e da Superalma — a expansão plenária do Senhor Supremo, que mora em toda parte. Neste mantra do Śrī Īśopaniṣad, menciona-se claramente que se deve observar, ou ver. Isso significa que é preciso seguir o ācārya anterior, o Mestre perfeito. Anupaśyati é a palavra sânscrita exata usada a esse respeito. Anu significa observar. Não se deve tentar ver as coisas como se faz a olho nu. O olho nu não pode ver nada adequadamente, devido a seus defeitos materiais. Ninguém pode ver adequadamente sem ter ouvido de uma fonte superior.

E a fonte mais elevada é a sabedoria Védica, falada pelo próprio Senhor. Essa verdade vem descendo em sucessão discipular: do Senhor a Brahmā, de Brahmā a Nārada, de Nārada a Vyāsa, e de Vyāsa a muitos de seus discípulos. Antigamente, não havia necessidade de registrar a mensagem dos Vedas, porque as pessoas das eras anteriores eram mais inteligentes e tinham memória mais aguçada, e podiam seguir as instruções pelo simples fato de ouvi-las uma única vez da boca de um mestre espiritual genuíno. Atualmente, há muitos comentários sobre as Escrituras reveladas, mas a maioria deles não está na linha de Śrīla Vyāsadeva, que originalmente ensinou a sabedoria Védica. A obra final, mais perfeita e sublime de Śrīla Vyāsadeva é o Śrīmad-Bhāgavatam, que é o comentário correto do Vedānta-sūtra.

De modo semelhante, há o Bhagavad-gītā, que é falado pelo próprio Senhor e que foi registrado por Vyāsadeva. Essas são as

mais importantes das muitas Escrituras reveladas, e qualquer comentário que não se conforme aos princípios do Gītā ou do Śrīmad-Bhāgavatam é desautorizado. Há completa concordância simétrica entre os Upaniṣads, o Vedānta, os Vedas, o Bhagavad-gītā e o Śrīmad-Bhāgavatam. Logo, ninguém deve tentar chegar a qualquer conclusão sobre os Vedas sem ser instruído pelos membros da linha de Vyāsadeva, ou pelo menos por aqueles que creem na Personalidade de Deus e em Suas diversas energias. Somente quem já está na posição liberada, segundo o Bhagavad-gītā, pode tornar-se um devoto uttama-adhikārī e ver cada pessoa, ou cada ser vivo, como seu próprio irmão.

Isso não pode ser visto pelos políticos, que estão sempre atrás de algum ganho material. Imitar essa posição liberada é servir ao corpo externo (por fama, ou alguma recompensa desse tipo), mas não é serviço à alma espiritual. Esses imitadores não têm nenhuma informação sobre o Mundo Espiritual. O uttama-adhikārī vê a alma espiritual de uma entidade e a serve como espírito, o que inclui automaticamente a matéria.

7

yasmin sarvāṇi bhūtāny

ātmaivābhūd vijānataḥ

tatra ko mohaḥ kaḥ śoka

ekatvam anupaśyataḥ

PALABRA POR PALABRA

yasmin – na situação; *sarvāṇi* – todas; *bhūtāni* – as entidades vivas; *ātmā* – o cit-kaṇa, ou centelha espiritual; *eva* – apenas; *abhūt* – existem como; *vijānataḥ* – daquele que sabe; *tatra* – ali; *kaḥ* – que; *mohaḥ* – ilusão; *kaḥ* – que; *śokaḥ* – ansiedade; *ekatvam* – unidade em qualidade; *anupaśyataḥ* – daquele que vê através da autoridade, ou daquele que vê constantemente desse modo.

TRADUCCIÓN

Aquele que sempre vê todas as entidades vivas como centelhas espirituais, unas em qualidade com o Senhor, torna-se um verdadeiro conhecedor das coisas. O que pode haver de ilusão ou de ansiedade para ele?

SIGNIFICADO

Com exceção dos dois devotos mais avançados descritos acima, ninguém pode ver corretamente a posição espiritual do ser vivo.

As entidades vivas são qualitativamente unas com o Senhor Supremo, assim como as centelhas do fogo são qualitativamente unas com a natureza do fogo. Mas as centelhas não são o fogo no que diz respeito à quantidade. A quantidade de calor e luz presente no fogo não é igual à quantidade de calor e luz presente nas centelhas. O mahā-bhāgavata, o grande devoto, vê a unidade no sentido de que tudo é energia do Senhor Supremo. E, como não há diferença entre a energia e o energético, existe o senso de unidade. Sem calor e luz, a palavra fogo não tem sentido; contudo, do ponto de vista analítico, o calor e a luz são diferentes do fogo.

Mas, em síntese, calor, luz e fogo são todos uma única e mesma coisa. As palavras sânscritas encontradas aqui, ekatvam anupaśyataḥ, significam ver a unidade das entidades vivas do ponto de vista das Escrituras reveladas. Cada centelha individual do Todo Supremo possui quase oitenta por cento das qualidades conhecidas do Todo, mas elas não são tão boas quanto o Senhor Supremo. Essas qualidades estão presentes em quantidade diminuta, pois a entidade viva não passa de uma diminuta parte integrante do Todo Supremo. É como a gota d'água e o oceano: a quantidade de sal presente na gota nunca é comparável à quantidade de sal presente no oceano inteiro. Mas o sal presente na gota é igual, em qualidade, em composição química, ao que está presente no oceano.

Se o ser vivo individual fosse igual tanto em qualidade quanto em quantidade, não haveria possibilidade de a entidade viva ficar

submersa sob a influência da energia material. Já se discutiu, nos mantras anteriores, que nenhum ser vivo, nem mesmo os poderosos semideuses, pode superar o Ser Supremo em qualquer aspecto. Portanto, ekatvam não significa que o ser vivo seja igual em todos os aspectos ao Senhor Supremo. Significa, num sentido mais amplo, que há um único interesse, assim como numa família o interesse de todos os membros é um só. Numa nação, embora existam diferentes cidadãos individuais, o interesse nacional é um só. Assim sendo, como as entidades vivas são partes integrantes da mesma família Suprema, o interesse do Ser Supremo e o das partes integrantes não são diferentes.

Todo ser vivo é filho do Ser Supremo. Como se diz no Bhagavad-gītā, todas as criaturas vivas, incluindo aves, répteis, formigas, seres aquáticos, árvores e assim por diante, em todo o universo — todas são emanações da potência marginal do Senhor Supremo. E, por isso, todas elas pertencem à mesma família do Ser Supremo. Na vida espiritual, não há choque de interesses. As entidades espirituais destinam-se ao desfrute. Por natureza, por constituição, todo ser vivo — tanto o Senhor Supremo quanto cada uma das diferentes partes integrantes — destina-se a desfrutar eternamente. Os seres vivos que estão enjaulados no tabernáculo material também estão sempre buscando o desfrute, mas o buscam numa plataforma que não é própria para eles.

À parte deste mundo material, existe a plataforma espiritual, onde o Ser Supremo desfruta com Seus inumeráveis associados, sem nenhum vestígio de qualidades materiais. Essa plataforma

chama-se nirguṇa. Na plataforma nirguṇa, não há choque quanto ao desfrute. Aqui no mundo material, há sempre choque entre os diferentes seres individuais, porque aqui se perde o centro do desfrute. O centro do desfrute é o Senhor Supremo, que é o centro da sublime e espiritual dança da rāsa. Todos nós nos destinamos a unir-nos a Ele e a desfrutar da vida com um único interesse transcendental, sem nenhum choque. Essa é a elevada plataforma do interesse espiritual, e, tão logo se compreenda essa forma perfeita de unidade, não pode haver possibilidade de ilusão ou lamentação.

Māyā, ou ilusão, significa uma civilização sem Deus, cujo resultado é a lamentação. A civilização sem Deus patrocinada pelos políticos modernos está sempre cheia de ansiedades, e essa é a lei da Natureza. Ninguém pode superar essa lei, como se afirma no Bhagavad-gītā. Somente aqueles que se rendem aos Pés de Lótus do Senhor Supremo podem vencer as rigorosas leis da Natureza. Se, portanto, desejarmos livrar-nos de toda espécie de ilusão e ansiedade e criar a unidade de todos os interesses diversos, devemos trazer Deus para todas as nossas atividades. Os resultados de nossas atividades devem ser usados para servir ao interesse do Senhor, e não para nenhum outro propósito, porque somente servindo ao interesse do Senhor podemos sentir o interesse ātma-bhūta mencionado aqui no Śrī Īśopaniṣad.

Este e o interesse brahma-bhūta mencionado no Bhagavad-gītā são uma única e mesma coisa. O Ātman Supremo, ou Alma, é o próprio Senhor, e o ātman diminuto é a entidade viva. O Ātman

Supremo, ou Paramātmā, sozinho, mantém todos os diminutos seres individuais, porque o Senhor Supremo quer obter prazer da afeição deles. O pai se expande por meio de seus filhos e os mantém para obter prazer. Se os filhos forem obedientes à vontade do pai, os assuntos da família correrão bem, com um só interesse e uma atmosfera agradável. Exatamente a mesma coisa está organizada transcendentalmente na família Brahman, ou Absoluta, do Paraṁ Brahman, o Espírito Supremo. O Paraṁ Brahman é tão Pessoa quanto o são as entidades individuais.

Nenhum deles é impessoal. Essas personalidades transcendentais são plenas de bem-aventurança transcendental, conhecimento e vida eterna. Essa é a verdadeira posição da existência espiritual, e, tão logo alguém esteja plenamente cônscio dessa posição transcendental, rende-se de imediato aos Pés de Lótus do Ser Supremo, Śrī Kṛṣṇa. Mas esses mahātmās, Grandes Almas, são vistos muito raramente, porque essa compreensão transcendental só é alcançada depois de muitos e muitos nascimentos. Uma vez alcançada, contudo, não há mais ilusão nem aflição, não há mais a miséria da existência material, e não há nascimento e morte como os que experimentamos na presente condição de nossa vida. Essa é a informação que obtemos deste mantra do Śrī Īśopaniṣad.

8

sa paryagāc chukram akāyam avraṇam

asnāviram śuddham apāpa-viddham

kavir manīṣī paribhūḥ svayambhūr

yāthātathyato 'rthān vyadadhāc chāśvatībhyaḥ samābhyaḥ

PALABRA POR PALABRA

saḥ – essa pessoa; *paryagāt* – deve saber de fato; *śukram* – o onipotente; *akāyam* – incorpóreo; *avraṇam* – irrepreensível; *asnāviram* – sem veias; *śuddham* – antisséptico; *apāpa-viddham* – profilático; *kaviḥ* – onisciente; *manīṣī* – filósofo; *paribhūḥ* – o maior de todos; *svayambhūḥ* – autossuficiente; *yāthātathyataḥ* – conforme; *arthān* – o desejável; *vyadadhāt* – outorga; *śāśvatībhyaḥ* – imemorial; *samābhyaḥ* – tempo.

TRADUCCIÓN

Tal pessoa deve conhecer de fato o Maior de todos, que é incorpóreo, onisciente, irrepreensível, sem veias, puro e incontaminado, o Filósofo autossuficiente que satisfaz o desejo de todos desde tempos imemoriais.

SIGNIFICADO

Eis aqui a descrição da Forma transcendental e eterna da Absoluta Personalidade de Deus. O Senhor Supremo não é desprovido de forma. Ele tem Sua própria Forma transcendental, que não é em nada semelhante às formas do mundo mundano. As entidades vivas deste mundo têm suas formas corporificadas pela Natureza material e funcionam como qualquer máquina material. A estrutura fisiológica e anatômica do corpo de um ser vivo precisa ter uma construção mecânica, com veias e assim por diante. Mas no corpo transcendental do Senhor não há nada parecido com veias. Afirma-se aqui claramente que Ele é incorpóreo. Isso significa que não há diferença entre Seu corpo e Sua alma, nem Ele aceita um corpo pela lei da Natureza, como nós.

No conceito material de vida corporal, a alma é diferente do corpo grosseiro e da mente sutil. O Senhor Supremo, contudo, está à parte de qualquer arranjo compartimentado desse tipo. Não existe no Senhor Supremo nada como uma diferença entre corpo e mente. Ele é o Todo Completo, e Sua mente, Seu corpo e Ele próprio são todos uma única e mesma coisa. No Brahma-saṁhitā, há uma descrição semelhante do corpo do Senhor Supremo. Ele é descrito ali como sac-cid-ānanda-vigraha. Isso significa que Ele é a Forma eterna que representa plenamente a Existência, o Conhecimento e a Bem-aventurança transcendentais. A literatura Védica afirma claramente que Ele tem um tipo de corpo transcendental completamente diferente, e por isso Ele às vezes é descrito como sem forma.

Essa ausência de forma significa que Ele não tem uma forma como a nossa, ou seja, que Ele é desprovido de uma forma que possamos perceber. No Brahma-saṁhitā, diz-se ainda que o Senhor pode fazer tudo e qualquer coisa com qualquer uma das partes de Seu corpo. Diz-se ali que, com toda e cada uma das partes de Seu corpo, como a mão, Ele pode fazer o trabalho dos outros sentidos. Isso significa que o Senhor pode andar com as mãos, pode aceitar um objeto com as pernas, pode ver com as mãos e os pés e pode comer com os olhos. Nos mantras do Śruti, diz-se que Ele não tem mãos nem pernas como as nossas, mas tem um tipo diferente de mãos e pernas, com as quais pode aceitar tudo o que Lhe oferecemos e andar mais depressa que qualquer um, em qualquer lugar.

Essas coisas são confirmadas neste mantra do Śrī Īśopaniṣad pelo uso de palavras como onipotente. O Śrī Vigraha do Senhor, Sua forma adorável, que é instalada nos templos pelos ācāryas autorizados que compreenderam o Senhor nos termos do Mantra Sete, também não é diferente da Forma Original do Senhor. A Forma Original do Senhor é a de Śrī Kṛṣṇa. Śrī Kṛṣṇa Se expande em um número ilimitado de Formas, como Baladeva, Rāma, Nṛsiṁha, Varāha etc. — e Todas Elas são a mesma e única Personalidade de Deus. De modo semelhante, o Arcā-vigraha que se adora nos templos também é uma Forma expandida do Senhor. Adorando o Arcā-vigraha do Senhor, a pessoa pode de imediato aproximar-se do Senhor, que aceita o serviço do devoto mediante Sua energia onipotente, sem nenhuma censura.

O Vigraha do Senhor desce a pedido dos ācāryas, os mestres santos, e age exatamente da maneira original, mediante Sua energia onipotente. Pessoas tolas, que não têm conhecimento destes mantras do Śrī Īśopaniṣad, nem de nenhum outro mantra do Śruti, consideram que o Śrī Vigraha adorado pelos devotos puros é feito de elementos materiais. Para os olhos imperfeitos das pessoas tolas, ou para os kaniṣṭha-adhikārīs, essa Forma é considerada material. Mas essas pessoas de pouco conhecimento não sabem que o Senhor, sendo onipotente e onisciente, pode transformar matéria em espírito e espírito em matéria, conforme deseje. No Bhagavad-gītā, o Senhor lamenta a condição caída dos homens de pouco conhecimento, que consideram material o corpo do Senhor porque Ele desce como um homem a este mundo.

Essas pessoas mal informadas não conhecem a onipotência do Senhor. Para os especuladores mentais, portanto, o Senhor não Se manifesta em plenitude. Ele só pode ser apreciado na proporção da rendição da pessoa a Ele. E a condição caída das entidades vivas deve-se inteiramente ao esquecimento de nossa relação com Deus. Neste mantra, bem como em muitos outros dos Vedas, menciona-se claramente: desde tempos imemoriais, o Senhor supre. O ser vivo primeiro deseja, e então o Senhor supre o objeto do desejo na proporção do grau de qualificação. Se um homem quer ser juiz de um tribunal superior, não basta ter adquirido as qualificações necessárias; ele também deve depender da disposição da autoridade competente, que pode conceder o título de juiz do tribunal superior.

A simples aquisição das qualificações de juiz de um tribunal superior não é suficiente para ocupar o posto. Este deve ser concedido por alguma autoridade superior. De modo semelhante, o Senhor concede o desfrute ao ser vivo na proporção de suas qualificações — em outras palavras, pela lei do karma. Essas qualificações, contudo, não são suficientes sem a misericórdia do Senhor. Comumente, o ser vivo não sabe o que pedir ao Senhor, nem para qual posto deve qualificar-se. Quando o ser vivo conhece sua posição constitucional, porém, pede para ser aceito na associação transcendental do Senhor, a fim de Lhe prestar transcendental serviço amoroso. Em vez de pedir isso, o ser vivo, sob a influência da Natureza material, pede muitas outras coisas, e sua mentalidade é descrita no Bhagavad-gītā como inteligência dividida, ou ramificada.

A inteligência espiritual é una, mas a sua contraparte é de muitas variedades. No Śrīmad-Bhāgavatam, diz-se que as pessoas cativadas pelas belezas temporárias da energia externa esquecem o verdadeiro objetivo da vida, que é voltar ao Supremo. Esquecendo isso, a pessoa tenta ajustar as coisas mediante vários planos e programas, que são comparados ao processo de mastigar restos já mastigados. Mas o Senhor é tão bondoso que permite que o ser vivo esquecido aja assim, sem interferir em suas atividades. Se um ser vivo quer ir para o inferno, o Senhor lhe permite fazê-lo sem interferência, e, se ele quer voltar ao lar, voltar ao Supremo, o Senhor também o ajuda a fazê-lo.

Deus é descrito aqui como paribhūḥ, o maior de todos. Ninguém é maior que Ele, nem igual a Ele. Os outros seres vivos são descritos aqui como mendigos que pedem ao Senhor, e o Senhor supre o que eles desejam. Se as outras entidades fossem iguais ao Senhor em potência, ou se fossem onipotentes ou oniscientes, não haveria possibilidade de mendigar do Senhor nem mesmo a chamada liberação. A verdadeira liberação do ser vivo é voltar ao Supremo. Caso contrário, a liberação tal como concebida pelo impersonalista permanece um mito, e o negócio de mendigar em prol da gratificação dos sentidos terá de continuar eternamente, a menos que o mendigo recobre o juízo e compreenda sua posição constitucional. O Senhor Supremo é autossuficiente.

Quando o Senhor Kṛṣṇa apareceu na Terra, há 5.000 anos, Ele exibiu a plena manifestação de Deus mediante Suas várias atividades. Em Sua infância, matou muitos demônios poderosos, e não havia possibilidade de adquirir tal poder por algum esforço externo. Ele ergueu a colina Govardhana sem nenhuma prática de levantamento de peso. Dançou com as gopīs sem nenhuma restrição social e sem nenhuma censura. Embora as gopīs se aproximassem dEle com sentimentos de amor conjugal, a relação entre as gopīs e o Senhor Kṛṣṇa foi adorada até mesmo pelo Senhor Caitanya, que era um sannyāsī estrito e um seguidor rígido das regulações disciplinares. Para confirmar isso, o Śrī Īśopaniṣad diz que Ele é "antisséptico" e "profilático", puro e incontaminado. Ele é antisséptico no sentido de que mesmo uma

coisa impura, na avaliação do mundo mundano, pode purificar-se pelo simples fato de tocá-lO.

A palavra profilático refere-se à Sua associação e é mencionada no Bhagavad-gītā. Ali se diz que um devoto escrupuloso pode parecer, no início, durācāra, alguém de mau comportamento. Ainda assim, ele deve ser aceito como puro, porque está no caminho certo. Essa é a natureza profilática da associação com o Senhor. O Senhor é apāpa-viddham, isto é, nada semelhante ao pecado pode tocá-lO. Mesmo que Ele faça algo que pareça pecaminoso, tais ações são todas boas, pois não há possibilidade de o Senhor ser afetado pelo pecado. Em todas as circunstâncias, Ele é śuddham, puríssimo, frequentemente comparado ao Sol. O Sol extrai umidade de muitos lugares intocáveis da terra e, ainda assim, permanece puro. De fato, ele purifica coisas repugnantes mediante seu efeito esterilizante. Se o Sol é tão poderoso, embora seja apenas um objeto material, podemos imaginar a pureza e a força do Senhor Todo-poderoso.

9

andhaṁ tamaḥ praviśanti

ye 'vidyām upāsate

tato bhūya iva te tamo

ya u vidyāyām ratāḥ

PALABRA POR PALABRA

andham – ignorância grosseira; *tamaḥ* – escuridão; *praviśanti* – entram em; *ye* – aqueles que; *avidyām* – nesciência; *upāsate* – adoram; *tataḥ* – do que isso; *bhūyaḥ* – ainda mais; *iva* – como; *te* – eles; *tamaḥ* – escuridão; *ye* – aqueles que; *u* – também; *vidyāyām* – no cultivo do conhecimento; *ratāḥ* – ocupados.

TRADUCCIÓN

Aqueles que se ocupam no cultivo de atividades nescientes entrarão na mais escura região da ignorância. Piores ainda são aqueles que se ocupam no suposto cultivo do conhecimento.

SIGNIFICADO

Neste mantra, há um estudo comparativo de vidyā e avidyā. Avidyā, ou ignorância, é sem dúvida perigosa, mas vidyā, ou conhecimento, quando equivocado ou mal orientado, é ainda

mais perigoso. Na moderna civilização humana, esta explicação do Śrī Īśopaniṣad é mais aplicável do que em qualquer outra época do passado. A civilização moderna avançou consideravelmente em matéria de educação em massa e, no entanto, o resultado é que as pessoas estão mais infelizes do que antes, por causa da ênfase excessiva no avanço material, sem nenhum gosto pelo aspecto mais importante da vida, o aspecto espiritual. No que diz respeito a vidyā, o primeiro mantra do Śrī Īśopaniṣad explicou com muita clareza que o Senhor Supremo é o Proprietário de tudo, e o esquecimento desse fato chama-se ignorância.

Quanto mais o homem esquece esse fato da vida, mais ele está na escuridão; e, em vista disso, uma civilização sem Deus, voltada para o suposto avanço da educação, é mais perigosa do que uma civilização em que a massa do povo é menos avançada. Há diferentes classes de homens, chamados karmīs, jñānīs e yogīs. Os karmīs são aqueles que se ocupam nas atividades de gratificação dos sentidos. Quase 99,9 por cento das pessoas da civilização moderna ocupam-se nas atividades de gratificação dos sentidos sob as bandeiras de várias atividades, tais como o industrialismo, o desenvolvimento econômico, o altruísmo, a consciência política e assim por diante. Mas todas essas atividades baseiam-se, mais ou menos, na satisfação dos sentidos, sem nenhuma referência à espécie de consciência de Deus descrita no primeiro mantra do Śrī Īśopaniṣad.

Na linguagem do Bhagavad-gītā, as pessoas que se ocupam na gratificação grosseira dos sentidos são mūḍhas — estão na escuridão, como o asno, o símbolo da estupidez. As pessoas que simplesmente se ocupam na busca da gratificação dos sentidos, sem nenhum proveito real na vida, estão, na avaliação do Śrī Īśopaniṣad, adorando avidyā. E aqueles que desempenham o papel de ajudar essa espécie de civilização em nome do avanço educacional estão fazendo mais mal do que aqueles que se encontram na plataforma da gratificação grosseira dos sentidos. O avanço do saber por parte de pessoas sem Deus é tão perigoso quanto uma joia valiosa no capelo de uma cobra. A cobra adornada com essa joia valiosa é tão perigosa quanto a que não está adornada.

Além disso, o avanço das atividades educacionais por parte de um povo sem Deus é, segundo o Hari-bhakti-sudhodaya, um adorno em um cadáver. Na Índia, como em muitos outros países, algumas pessoas seguem o costume de conduzir uma procissão com um cadáver adornado, para o prazer dos parentes que se lamentam. No mesmo sentido, a civilização moderna é uma colcha de retalhos de atividades destinadas a encobrir as perpétuas misérias da existência material. Tais atividades visam à gratificação dos sentidos, mas acima dos sentidos está a mente, acima da mente está a inteligência, e acima da inteligência está a alma. Portanto, o objetivo da educação deve ser a autorrealização, a compreensão dos valores espirituais da alma. Qualquer educação que não conduza a essa compreensão da vida deve ser considerada avidyā, ou nesciência.

E cultivar essa nesciência significa descer à mais escura região da ignorância. Esses educadores equivocados são conhecidos, na linguagem Védica, por quatro nomes: 1. veda-vāda-rata; 2. māyayā apahṛta-jñāna; 3. āsuraṁ bhāvam; 4. narādhama. Os veda-vāda-ratas apresentam-se como grandes eruditos na literatura Védica, mas, infelizmente, estão completamente desviados do propósito dos Vedas. No Bhagavad-gītā, diz-se que o propósito dos Vedas é conhecer a Personalidade de Deus, mas esses homens veda-vāda-ratas não estão de modo algum interessados na Personalidade de Deus. Pelo contrário, estão fascinados por resultados tais como o alcance do céu. Como se diz no Mantra Um do Śrī Īśopaniṣad, devemos saber que a Personalidade de Deus é o Proprietário de tudo, e devemos contentar-nos com a porção que nos é destinada das necessidades da vida.

O propósito de toda a literatura Védica é despertar essa consciência de Deus no ser vivo esquecido, e o mesmo princípio é apresentado de várias maneiras nas várias Escrituras do mundo, para a compreensão da humanidade tola. Assim, o propósito último é levar a pessoa de volta ao Supremo. Mas os veda-vāda-ratas, em vez de compreenderem o sentido dos Vedas, dão por certo que questões secundárias, como o alcance do prazer celestial para a gratificação dos sentidos — cuja luxúria é, em primeiro lugar, a própria causa de seu cativeiro material —, são o fim último dos Vedas. Essas pessoas desencaminham as outras, interpretando mal a literatura Védica, e às vezes condenam os Purāṇas, que são explicações Védicas autênticas para os leigos.

Os veda-vāda-ratas fazem suas próprias explicações dos Vedas, negligenciando a autoridade dos grandes mestres, chamados ācāryas, e tendem a erguer dentre eles mesmos alguma pessoa sem escrúpulos como o principal expoente do conhecimento Védico. Esses homens são especialmente condenados por este mantra do Śrī Īśopaniṣad, com a palavra sânscrita muito apropriada vidyā-rata. Vidyā significa Veda, porque o Veda é a origem de todo conhecimento, e rata significa ocupado. Vidyā-rata significa ocupado no estudo dos Vedas. Sendo assim, os supostos vidyā-ratas são condenados aqui porque não sabem qual é o propósito dos Vedas, por desobedecerem aos ācāryas. Esses veda-vāda-ratas estão acostumados a encontrar em cada palavra dos Vedas um significado que sirva a seus próprios propósitos.

Eles não sabem que a literatura Védica não é uma coleção de livros comuns e que não pode ser compreendida senão por intermédio da corrente de sucessão discipular. É preciso aproximar-se de um mestre espiritual genuíno para compreender a mensagem transcendental dos Vedas. Essa é a orientação do Kaṭha Upaniṣad. Mas esses veda-vāda-ratas têm seu próprio ācārya, que não está na corrente da sucessão discipular transcendental. Assim, eles progredirão rumo à mais escura região da ignorância, interpretando mal a literatura Védica, ainda mais do que aqueles que não têm nenhum conhecimento dos Vedas. A classe de homens māyayā apahṛta-jñāna são os "Deuses" autofabricados. Esses homens pensam que eles

próprios são Deus e que não há necessidade de adorar nenhum outro Deus.

Eles concordarão em adorar um homem comum, se acontecer de ele ser rico, mas nunca adorarão a verdadeira Personalidade de Deus. Esses homens tolos não conseguem reconhecer a própria tolice, no que diz respeito à questão de como Deus poderia alguma vez ter sido aprisionado pela ilusão. Se Deus fosse alguma vez aprisionado pela ilusão, então a ilusão seria mais poderosa que Deus. Mas eles também dizem que Deus é todo-poderoso. Se Deus é todo-poderoso, como pode Ele ser dominado pela ilusão? Os Deuses autofabricados não conseguem responder com muita clareza a todas essas perguntas, mas ficam satisfeitos com o fato de eles mesmos terem se tornado Deus.

10

anyad evāhur vidyayā-

nyad āhur avidyayā

iti śuśruma dhīrāṇāṁ

ye nas tad vicacakṣire

PALABRA POR PALABRA

anyat – diferente; *eva* – certamente; *āhuḥ* – disseram; *vidyayā* – pelo cultivo do conhecimento; *anyat* – diferente; *āhuḥ* – disseram; *avidyayā* – pelo cultivo da nesciência; *iti* – assim; *śuśruma* – ouvi; *dhīrāṇām* – dos sóbrios; *ye* – que; *naḥ* – a nós; *tat* – isso; *vicacakṣire* – explicaram.

TRADUCCIÓN

Os sábios nos explicaram que um resultado deriva do cultivo do conhecimento, e diz-se que um resultado diferente se obtém do cultivo da nesciência.

SIGNIFICADO

O cultivo do conhecimento pode ser conduzido na prática da seguinte maneira, como se aconselha no Bhagavad-gītā (Décimo Terceiro Capítulo). Ali se diz que: 1. A pessoa deve tornar-se um perfeito cavalheiro e aprender a dar o devido respeito às outras

pessoas. 2. Ninguém deve fazer-se passar por religioso simplesmente em troca de nome e fama. 3. Não se deve tornar uma fonte de ansiedade para os outros por meio das ações de seu corpo, de sua mente ou de suas palavras. 4. Deve-se aprender a tolerância, mesmo que haja provocação da parte de outros. 5. Deve-se aprender a evitar a duplicidade nas relações com os outros. 6. É preciso ter um mestre espiritual genuíno que possa conduzir a pessoa gradualmente à etapa da percepção espiritual, e a esse ācārya, ou mestre espiritual, ela deve submeter-se, prestando-lhe serviço e fazendo-lhe perguntas relevantes.

7. Deve-se seguir os princípios reguladores prescritos nas Escrituras reveladas, a fim de alcançar a plataforma da autorrealização. 8. É preciso estar fixo nos preceitos das Escrituras reveladas. 9. Deve-se abster por completo de práticas que sejam prejudiciais ao interesse da autorrealização. 10. Não se deve aceitar mais do que o necessário para a manutenção do corpo. 11. Não se deve identificar falsamente com a cobertura material do corpo grosseiro, nem considerar como seus aqueles que são relacionados com o corpo. 12. Deve-se sempre lembrar que, enquanto se tiver um corpo material, será preciso enfrentar as misérias de repetidos nascimento, morte, velhice e doença.

Não adianta fazer planos para se livrar dessas misérias do corpo material. O melhor é descobrir os meios pelos quais se possa recuperar a identidade espiritual. 13. Não se deve apegar a mais do que as necessidades da vida requeridas para o avanço espiritual. 14. Não se deve apegar à esposa, aos filhos e ao lar

mais do que ordenam as Escrituras reveladas. 15. Não se deve ficar feliz nem aflito diante das coisas desejáveis e indesejáveis criadas pela mente. 16. Deve-se tornar um devoto imaculado da Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa, e servi-Lo com atenção absorta. 17. Deve-se desenvolver o gosto por residir em um lugar isolado, com uma atmosfera calma e tranquila, favorável ao cultivo espiritual, evitando assim os lugares congestionados onde os não devotos se reúnem.

18. Deve-se tornar um cientista ou filósofo e fazer pesquisas sobre o conhecimento espiritual — não o conhecimento material —, reconhecendo que o conhecimento espiritual é permanente, ao passo que o conhecimento material termina com a morte do corpo. Esses dezoito itens formam um processo gradual para o desenvolvimento do conhecimento verdadeiro. Com exceção desses dezoito itens, todos os demais se agrupam na categoria da nesciência. Śrīla Bhaktivinoda Ṭhākura, um grande ācārya, disse que todas as formas de conhecimento material são meros aspectos externos da energia ilusória e que, ao cultivá-las, a pessoa não fica melhor do que um asno. Aqui, no Śrī Īśopaniṣad, repete-se o mesmo princípio. O avanço material do conhecimento significa, de fato, converter o ser humano à condição de asno. Alguns políticos materialistas, sob o disfarce de vestes espirituais, condenam de fato o atual sistema de civilização como satânico, mas infelizmente não se importam com o cultivo do conhecimento verdadeiro descrito no Bhagavad-gītā e, por isso, não podem mudar a situação satânica.

Na organização moderna das coisas, até mesmo um menino se julga autossuficiente e não presta respeito algum aos homens mais velhos. Assim, devido ao tipo errado de educação ministrada em nossas universidades, os jovens do mundo inteiro têm-se tornado a causa de dores de cabeça para as pessoas mais velhas. Por isso, o Śrī Īśopaniṣad adverte mui fortemente que o cultivo da nesciência é diferente do cultivo do conhecimento. As universidades são, por assim dizer, meros centros de nesciência, e em razão disso os cientistas estão ocupados em descobrir armas letais para exterminar a existência de outros países. Aos estudantes universitários de hoje não se dão instruções sobre os princípios reguladores de brahmacarya, o processo espiritual da vida, nem eles têm fé alguma nos respectivos preceitos escriturais. Os princípios religiosos são ensinados apenas em troca de nome e fama, e não para a ação prática.

Por conseguinte, há animosidade não somente nos campos social e político, mas também no campo da religião. O nacionalismo nas diferentes partes do mundo também se desenvolveu por causa dessa educação nesciente do povo. As pessoas não sabem que esta minúscula Terra é apenas um punhado de matéria flutuando no incomensurável espaço material, junto a muitos outros punhados. Em comparação com a vastidão do espaço, esses punhados de matéria são como partículas de poeira no ar. Como Deus bondosamente fez esses punhados de matéria completos em si mesmos, eles estão perfeitamente equipados com todos os arranjos necessários para flutuarem no espaço. Os pilotos de nossos sputniks estão muito

orgulhosos de suas conquistas, mas não atentam para o Condutor Supremo desses sputniks maiores e mais gigantescos chamados planetas.

Há inumeráveis sóis ocupando o espaço, com inumeráveis arranjos de sistemas planetários. Nós, pequenas criaturas, partes integrantes infinitesimais do Senhor Supremo, estamos tentando dominar esses ilimitados planetas mediante repetidos nascimentos e mortes, mas somos geralmente frustrados pela velhice e pela doença. A duração da vida humana está fixada em cerca de 100 anos, embora esteja diminuindo gradualmente até o limite de 20 ou 30 anos de vida. Graças ao cultivo da educação nesciente, homens iludidos criaram seus próprios nacionalismos dentro desses planetas, a fim de agarrarem o gozo dos sentidos durante esses poucos 20 ou 30 anos. Tais tolos elaboram variados planos para tornar alguma porção demarcada da Terra tão perfeita quanto possível, o que, em última análise, é ridículo.

E, com esse propósito, cada nação se tornou uma fonte de ansiedade para as outras. Mais de 50 % de sua energia se desperdiça em medidas de defesa, sem nenhum cuidado com o verdadeiro cultivo do conhecimento, e, ainda assim, elas se orgulham falsamente de estar avançadas tanto em conhecimento material quanto em conhecimento espiritual. O Śrī Īśopaniṣad adverte contra esse modo defeituoso de educação, e o Bhagavad-gītā dá instruções sobre o desenvolvimento do conhecimento verdadeiro. Neste mantra, há uma indicação de que as instruções de vidyā, o conhecimento, devem ser recebidas do dhīra. Dhīra

significa imperturbado — aquele que não é perturbado pela ilusão material. Ninguém pode ser imperturbado a menos que tenha percepção espiritual perfeita. Quem alcançou a perfeita percepção espiritual não anseia por nada que tenha adquirido, nem se lamenta por nada que tenha perdido.

Tal dhīra compreendeu que o corpo e a mente materiais, adquiridos por contato material casual, são elementos estranhos, e por isso ele simplesmente tira o melhor proveito de um mau negócio. O corpo e a mente materiais são maus negócios para a entidade viva espiritual. A entidade viva tem diferentes funções no mundo vivo, mas este mundo material é morto. Enquanto as vivas centelhas espirituais manipulam os punhados mortos de matéria, o mundo morto parece um mundo vivo. Mas, na verdade, são as almas vivas, as partes integrantes do Ser Vivo Supremo, que movem o mundo. Os dhīras são aqueles que vieram a conhecer todos esses fatos por ouvi-los das autoridades superiores e que os compreenderam seguindo os princípios reguladores.

Para seguir os princípios reguladores, é preciso abrigar-se em um mestre espiritual genuíno. A mensagem transcendental desce do mestre espiritual ao discípulo junto com os princípios reguladores, e não da maneira arriscada da educação nesciente. A pessoa só pode tornar-se um dhīra mediante essa audição submissa da Personalidade de Deus. O discípulo perfeito deve ser como Arjuna, e o mestre espiritual deve ser tão bom quanto o próprio Senhor. Esses são os processos para se aprender vidyā, o

conhecimento, com o dhīra, o imperturbado. O adhīra, aquele que não passou pelo treinamento de um dhīra, não pode ser um líder instrutivo. Os políticos modernos que se fazem passar por dhīras são eles próprios adhīras. Não se pode esperar deles conhecimento perfeito. Eles estão ocupados com sua própria remuneração em dólares e libras. Como podem eles conduzir a massa do povo ao caminho correto da autorrealização? É preciso ouvir submissamente o dhīra para se obter verdadeira educação na vida.

11

vidyāṁ cāvidyāṁ ca yas

tad vedobhayaṁ saha

avidyayā mṛtyuṁ tīrtvā

vidyayāmṛtam aśnute

PALABRA POR PALABRA

vidyām – conhecimento de fato; *ca* – e; *avidyām* – nesciência; *ca* – e; *yaḥ* – uma pessoa que; *tat* – isso; *veda* – conhece; *ubhayam* – ambos; *saha* – simultaneamente; *avidyayā* – pelo cultivo da nesciência; *mṛtyum* – morte repetida; *tīrtvā* – transcendendo; *vidyayā* – pelo cultivo do conhecimento; *amṛtam* – ausência de morte; *aśnute* – desfruta.

TRADUCCIÓN

Somente aquele que pode aprender lado a lado o processo da nesciência e o do conhecimento transcendental pode transcender a influência de repetidos nascimentos e mortes e desfrutar de todas as bênçãos da imortalidade.

SIGNIFICADO

Desde o início do mundo material, todos tentam obter uma vida permanente, mas a lei da natureza é tão cruel que ninguém escapou das mãos da morte. Ninguém quer morrer. Esse é um fato prático. Tampouco alguém quer ficar velho ou doente. Mas a lei da natureza não concede a ninguém imunidade contra a morte, a velhice ou a doença. O avanço do conhecimento material não resolveu esses problemas da vida. A ciência material pode descobrir a bomba nuclear para acelerar o processo da morte, mas não pode descobrir nada que proteja o homem das mãos cruéis da morte, da doença e da velhice. Dos Purāṇas, ficamos sabendo das atividades de Hiraṇyakaśipu: esse rei era materialmente muito avançado e, com suas aquisições materiais, pela força de sua nesciência, queria vencer a morte.

Ele se submeteu a um tipo de meditação tão severa que todos os sistemas planetários ficaram perturbados por seus poderes místicos. Ele forçou o criador do universo, o semideus chamado Brahmā, a descer até ele, e então lhe pediu a bênção de tornar-se um amara, alguém que não morre. Brahmā, contudo, recusou-se a conceder isso, porque nem mesmo ele, o criador material, que tem o comando de todos os planetas, é um amara. Ele tem uma longa duração de vida, como se confirma no Bhagavad-gītā, mas isso não significa que ele não tenha de morrer. Hiraṇya significa ouro, e kaśipu, cama macia. Esse senhor estava interessado nessas duas coisas — dinheiro e mulheres — e queria desfrutar desse tipo de vida tornando-se artificialmente imortal.

Ele pediu a Brahmā muitas coisas indiretamente, na esperança de satisfazer seu desejo de tornar-se um amara. Pediu a bênção de não ser morto por nenhum homem, animal, deus ou qualquer ser vivo dentro das categorias das 8.400.000 espécies. Pediu também que não morresse na terra, no ar, na água, nem por arma alguma. E assim por diante: Hiraṇyakaśipu pensou tolamente que isso o garantiria contra a morte. Mas, no final, embora Brahmā lhe concedesse todas essas bênçãos, ele foi morto pela Personalidade de Deus na Forma de meio homem, meio leão. E nenhuma arma foi usada para matá-lo, exceto as unhas do Senhor. Ele foi morto no colo do maravilhoso Ser Vivo que estava além de sua concepção.

Todo o ponto aqui é que nem mesmo Hiraṇyakaśipu, o mais poderoso dos materialistas, pôde tornar-se imortal com seus vários planos. O que conseguirão, então, os minúsculos Hiraṇyakaśipus de hoje, cujos planos são frustrados a cada momento? O Śrī Īśopaniṣad nos instrui a não fazer tentativas unilaterais de vencer a luta pela existência. Todos estão lutando arduamente pela existência, mas a lei da natureza material é tão rígida e inflexível que não permite a ninguém superá-la. A fim de ter vida permanente, é preciso estar disposto a voltar ao Supremo. Esse processo de voltar ao Supremo é um ramo diferente de conhecimento, e tem de ser aprendido nas Escrituras Védicas reveladas, tais como os Upaniṣads, o Vedānta, o Bhagavad-gītā, o Śrīmad-Bhāgavatam etc.

Portanto, para tornar-se feliz nesta vida e obter uma vida permanente e bem-aventurada após deixar este corpo material, é preciso adotar essa literatura sagrada e obter conhecimento transcendental. O ser vivo condicionado esqueceu sua relação eterna com Deus e aceitou erroneamente o lugar temporário de nascimento como tudo o que existe. O Senhor bondosamente entregou as Escrituras acima mencionadas na Índia, e outras Escrituras em outros países, para lembrar ao esquecido ser humano que seu lar não é aqui neste mundo material. O ser vivo é uma entidade espiritual e só pode ser feliz retornando a seu lar espiritual, com o Supremo. A Personalidade de Deus, de Seu Reino, envia Seus servos genuínos para propagarem essa missão de voltar ao Supremo, e às vezes Ele próprio vem fazer esse trabalho.

Todos os seres vivos são Seus filhos amados, Suas partes integrantes, e por isso Deus Se entristece mais do que nós mesmos com os sofrimentos que constantemente padecemos na condição material. As misérias do mundo material também são lembretes indiretos de nossa incompatibilidade com a matéria morta, e as entidades vivas inteligentes geralmente tomam nota desses lembretes e, lado a lado, ocupam-se no cultivo de vidyā, o conhecimento transcendental. A vida humana é a melhor oportunidade para o cultivo do conhecimento espiritual, e o ser humano que não aproveita essa oportunidade na vida humana chama-se narādhama, o mais baixo dos seres humanos. O caminho de avidyā, ou o avanço material do conhecimento

voltado para a gratificação dos sentidos, significa repetição da morte e também repetição do nascimento.

A entidade viva, tal como é espiritualmente, não tem nascimento nem morte. Nascimento e morte dizem respeito à cobertura externa da alma espiritual, o corpo. Isso é comparado ao ato de vestir e despir roupas externas. Os seres humanos tolos, grosseiramente absortos no cultivo de avidyā, a nesciência, não se importam com esse processo cruel; antes, enamorados da beleza da energia ilusória, fazem repetidamente as mesmas coisas, sem aprender lição alguma da lei da natureza. O cultivo de vidyā, ou conhecimento transcendental, é essencial para o ser humano. O gozo irrestrito dos sentidos, na doentia condição material dos sentidos, deve ser restringido tanto quanto possível. O gozo irrestrito dos sentidos nesta condição corpórea é o caminho da ignorância e da morte.

As entidades vivas não são desprovidas de sentidos espirituais. Todo ser vivo, em sua forma espiritual original, possui todos os sentidos, que agora são materiais, cobertos pelo corpo e pela mente. As atividades dos sentidos materiais são reflexos pervertidos dos passatempos espirituais. A ocupação da alma espiritual sob a cobertura material é a condição doentia da alma. E o verdadeiro gozo dos sentidos é possível quando se remove a doença. Em nossa forma espiritual pura, livre de toda contaminação material, o gozo puro dos sentidos é possível. O objetivo da vida humana não deve ser, portanto, o gozo pervertido dos sentidos, mas sim curar a doença material.

Agravar a doença material não é sinal de conhecimento. É sinal de cultivo de avidyā, a ignorância.

O grau de uma febre não deve ser aumentado de 105 para 107 em prol da boa saúde. O grau deve ser reduzido ao estado normal de 98,6. Esse deve ser o objetivo da vida humana. A tendência moderna da civilização material é aumentar o grau da febril condição material, que, dessa forma, já atingiu o ponto de 107 na forma da energia atômica, com os políticos tolos gritando que a qualquer momento o mundo pode ir para o inferno. Esse é o resultado do avanço do conhecimento material e da negligência da parte mais importante da vida, o cultivo do conhecimento espiritual. Eis aqui, no Śrī Īśopaniṣad, uma advertência de que não devemos seguir esse caminho perigoso que conduz à morte.

Ao contrário, devemos, lado a lado, desenvolver o cultivo do conhecimento espiritual, para que possamos ficar completamente livres das cruéis mãos da morte. Isso não significa que todas as atividades cívicas para a manutenção do corpo devam ser interrompidas. Não há possibilidade de parar as atividades, assim como não há possibilidade de eliminar por completo a temperatura quando se tenta curar uma doença. Já tentamos explicar o assunto com a expressão "tirar o melhor proveito de um mau negócio". O cultivo do conhecimento espiritual tem de ser feito com a ajuda deste corpo e desta mente; portanto, a manutenção do corpo e da mente é necessária para alcançarmos nossa meta.

A temperatura normal deve ser mantida em 98,6 graus, mas não deve ser tolamente aumentada até o grau de 107. Os grandes sábios e santos da Índia queriam manter a temperatura normal mediante um programa equilibrado de conhecimento material e espiritual. Eles jamais permitiram o mau uso da inteligência humana para a doentia gratificação dos sentidos. As atividades humanas adoecidas pelo temperamento de gratificação dos sentidos foram reguladas nos Vedas segundo os princípios da salvação. Esse sistema apresenta-se em quatro divisões: religião, desenvolvimento econômico, gratificação dos sentidos e salvação. No momento atual, as pessoas não têm interesse nem em religião nem em salvação. Elas têm apenas um objetivo na vida — a gratificação dos sentidos — e, para atingirem esse fim, elaboram diferentes planos de desenvolvimento econômico.

O homem desorientado pensa que a religião deve ser mantida por sua contribuição ao desenvolvimento econômico e que o desenvolvimento econômico é necessário para a gratificação dos sentidos. E, a fim de garantir mais gratificação dos sentidos após a morte, no céu, existe algum sistema de observâncias religiosas. Mas esse não é o propósito dos princípios da salvação. O caminho da religião destina-se, na verdade, à autorrealização. O desenvolvimento econômico é necessário apenas para manter o corpo em condição sã e saudável. O homem deve viver em condição saudável de vida, com a mente sã, apenas para compreender vidyā, o conhecimento verdadeiro, que é o objetivo da vida humana. Esta vida não se destina a trabalhar como um asno, nem ao cultivo de avidyā, nem à gratificação dos sentidos.

O caminho de vidyā é apresentado da maneira mais perfeita no Śrīmad-Bhāgavatam. O Bhāgavatam orienta o ser humano a utilizar sua vida indagando sobre a Verdade Absoluta. A Verdade Absoluta é percebida passo a passo como Brahman, Paramātmā e, por fim, Bhagavān, a Personalidade de Deus. Essa Verdade Absoluta é compreendida pelo homem magnânimo que alcançou conhecimento e desapego, tendo seguido os 18 princípios do Bhagavad-gītā descritos acima. O ponto central desses 18 princípios é alcançar o serviço devocional transcendental à Personalidade de Deus. Portanto, recomenda-se a todas as classes de homens que aprendam a arte do serviço devocional ao Senhor. A religiosidade, o desenvolvimento econômico e a gratificação dos sentidos, sem o objetivo de alcançar o serviço devocional ao Senhor, são todos diferentes formas de nesciência, como o Śrī Īśopaniṣad mostrará daqui em diante. Assim, para cultivar vidyā, especialmente nesta era, deve-se sempre ouvir, cantar e adorar com atenção concentrada, voltada para a Personalidade de Deus, que é o Senhor dos transcendentalistas.

12

andhaṁ tamaḥ praviśanti

ye 'sambhūtim upāsate

tato bhūya iva te tamo

ya u sambhūtyām ratāḥ

PALABRA POR PALABRA

andham – ignorância; *tamaḥ* – escuridão; *praviśanti* – entram em; *ye* – aqueles que; *asambhūtim* – semideuses; *upāsate* – adoram; *tataḥ* – do que isso; *bhūyaḥ* – ainda mais; *iva* – como; *te* – aqueles; *tamaḥ* – escuridão; *ye* – que; *u* – também; *sambhūtyām* – no Absoluto; *ratāḥ* – ocupados.

TRADUCCIÓN

Aqueles que se ocupam na adoração dos semideuses entram na região mais escura da ignorância, e ainda mais o fazem os adoradores do Absoluto.

SIGNIFICADO

A palavra sânscrita asambhūti significa aqueles que não têm existência independente. Sambhūti é a Absoluta Personalidade de Deus, que é absolutamente independente de tudo. No Bhagavad-gītā, a Absoluta Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa,

descreve-Se positivamente com as seguintes palavras: "Eu sou a Causa Suprema dos poderes delegados aos semideuses, aos grandes sábios e aos místicos. E, como estes são dotados de poderes limitados, é muito difícil para eles saberem como Eu apareço, por Minha própria potência interna, na forma de um homem." Todos os filósofos e grandes ṛṣis, ou místicos, tentam distinguir o Absoluto do relativo mediante seu minúsculo poder cerebral. Contudo, isso só pode ajudá-los a alcançar o ponto de negar a relatividade, sem perceberem nenhum traço positivo do Absoluto.

A definição do Absoluto por negação não é um conceito completo. Tais definições negativas levam a pessoa a criar um conceito próprio, e ela então imagina que o Absoluto deve ser sem forma e sem qualidades. Mas essas negações são simplesmente os números opostos das formas e qualidades relativas e, portanto, são elas próprias relativas. Com semelhante conceito do Absoluto, pode-se, no máximo, chegar à refulgência impessoal de Deus, conhecida como Brahman; mas não se pode progredir mais, até a etapa de Bhagavān, a Personalidade de Deus. Esses especuladores mentais não sabem que Kṛṣṇa é a Absoluta Personalidade de Deus, que o Brahman impessoal é a refulgência deslumbrante de Seu corpo transcendental e que o Paramātmā, a Superalma, é Sua representação onipenetrante.

Eles não sabem que Kṛṣṇa tem Sua Forma eterna, com qualidades transcendentais de eterna bem-aventurança e conhecimento. Os semideuses dependentes e os grandes sábios O

percebem imperfeitamente como um dos poderosos semideuses, mas consideram que a refulgência Brahman é a suprema Verdade Absoluta. Os devotos de Kṛṣṇa, porém — que, em virtude de sua devoção imaculada, se rendem a Ele —, podem saber que Ele é a Pessoa Absoluta e que tudo emana unicamente dEle. Tais devotos prestam continuamente serviço amoroso a Kṛṣṇa, o Manancial de tudo. No Bhagavad-gītā, também se diz que apenas pessoas confusas, impelidas por um forte desejo de gratificação dos sentidos, adoram os semideuses em busca da solução de problemas temporários. Um alívio temporário de certa dificuldade, pela graça de algum semideus, é o que pedem as pessoas menos inteligentes.

O ser vivo está no enredamento material e tem de libertar-se inteiramente do cativeiro material para obter alívio permanente no plano espiritual, onde existem eterna bem-aventurança, vida e conhecimento. No Bhagavad-gītā, diz-se que os adoradores dos semideuses podem ir aos planetas dos respectivos semideuses. Os adoradores da Lua podem ir à Lua, os adoradores do Sol podem ir ao planeta do Sol, e assim por diante. Os cientistas modernos estão agora tentando ir à Lua com a ajuda de foguetes, o que não é realmente uma tentativa nova. O ser humano, com sua consciência avançada, tem inclinação natural a viajar pelo espaço exterior e alcançar outros planetas, seja por meio de sputniks, seja por poderes místicos, seja adorando a deidade predominante daquele planeta em particular.

Nas escrituras Védicas, afirma-se que se podem alcançar outros planetas por qualquer das maneiras acima mencionadas, mais geralmente pela adoração do semideus que preside o planeta em particular. Mas esses planetas são lugares de residência temporários; os únicos planetas permanentes são os Vaikuṇṭha-lokas, encontrados no céu espiritual, onde predomina a Personalidade de Deus. O Bhagavad-gītā confirma isso da seguinte maneira: mesmo que alguém se eleve ao planeta mais elevado, Brahmā-loka, terá de voltar novamente. Mas, se alguém Me alcança (no mundo espiritual), não precisa nascer de novo. O Śrī Īśopaniṣad indica que quem paira sobre os planetas materiais, sejam quais forem os seus meios, permanece na região mais escura. O universo inteiro está coberto pelos gigantescos elementos materiais, tal como uma bola de coco cheia de água até a metade.

Como é hermeticamente fechado e totalmente coberto, a escuridão em seu interior é densa, e por isso são necessários planetas como o Sol e a Lua para iluminarem o interior do universo. Fora do universo, há uma vasta expansão de espaço ilimitado de Brahma-jyoti, cheio de Vaikuṇṭha-lokas. O maior e mais elevado planeta no Brahma-jyoti é Kṛṣṇa-loka, ou Goloka Vṛndāvana, onde reside a Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa. O Senhor Śrī Kṛṣṇa jamais abandona esse Kṛṣṇa-loka, onde mora com Seus associados eternos; e, no entanto, Ele é onipresente em toda a completa situação cósmica material e espiritual. Esse fato já foi explicado no Mantra Quatro do Śrī Īśopaniṣad. O Senhor está presente em toda parte, assim como o Sol. Um homem pode

mover-se pelo espaço com a maior velocidade possível e ainda assim verá que o Sol está lá, embora o Sol esteja situado em sua própria órbita invariável.

O problema da vida não pode ser resolvido com uma ida à Lua. Há muitos pseudoadoradores que se tornam religiosos apenas em troca de nome e fama. Esses pseudorreligiosos não desejam sair deste universo e alcançar o céu espiritual. Querem apenas manter o status quo no mundo material, sob o disfarce de adorar o Senhor. E os ateus e os impersonalistas conduzem esses tolos pseudorreligiosos às regiões mais escuras, pregando o culto do ateísmo. O ateu nega diretamente a existência da Suprema Personalidade de Deus, e o impersonalista apoia o ateu pregando a existência impessoal do Senhor Supremo. Até onde estudamos o Śrī Īśopaniṣad, não encontramos nenhum mantra em que a Personalidade de Deus seja negada.

Diz-se que Ele pode correr mais rápido do que qualquer um. Aqueles que correm atrás dos planetas certamente são pessoas, e, se o Senhor pode correr mais rápido do que todos eles, por que deveria ser considerado impessoal? A concepção impessoal do Senhor Supremo é outra face da ignorância, devida a uma visão imperfeita da Verdade Absoluta. E assim os ignorantes pseudorreligiosos, os fabricantes de supostas encarnações — violando diretamente os preceitos Védicos —, estão sujeitos a entrar na região mais escura do universo, por causa de seu negócio de desencaminhar aqueles que os seguem. Esses impersonalistas geralmente se fazem passar por encarnações de

Deus perante os tolos, que não têm conhecimento algum da sabedoria Védica. E, se tais homens tolos têm algum conhecimento, em suas mãos ele é mais perigoso do que a própria ignorância.

Tais impersonalistas nem sequer adoram os semideuses como se recomenda nas escrituras. Nas escrituras, há a recomendação de se adorarem os semideuses sob diferentes circunstâncias, mas, ao mesmo tempo, declara-se que não há real necessidade disso. No Bhagavad-gītā, afirma-se claramente que os resultados da adoração aos semideuses não são permanentes. O mundo material inteiro não é permanente e, portanto, tudo o que se consegue aqui, dentro da escuridão da existência material, também é impermanente. O problema, então, é como obter vida real e permanente. O Senhor declara que, tão logo alguém O alcance pelo serviço devocional — que é a única maneira de se aproximar da Personalidade de Deus —, há completa liberdade do cativeiro de nascimentos e mortes.

Em outras palavras, o caminho da salvação, ou de escapar das garras materiais, depende totalmente dos princípios de conhecimento e desapego. E os pseudorreligiosos não têm nem conhecimento nem desapego dos assuntos materiais. A maioria deles quer continuar nos grilhões dourados do cativeiro material, à sombra de atividades altruístas e filantrópicas e em nome de princípios religiosos. Mediante falsos sentimentos religiosos, eles apresentam um espetáculo de serviço devocional, ao mesmo tempo em que se entregam a toda sorte de princípios imorais, e

ainda assim passam por mestres espirituais e devotos de Deus. Esses violadores dos princípios religiosos não têm respeito algum pelos ācāryas autorizados, os mestres santos na estrita sucessão discipular; e, para desencaminharem o povo em geral, eles próprios se tornam supostos ācāryas, sem sequer seguirem os princípios dos ācāryas.

Esses canalhas da sociedade humana são os elementos mais perigosos e, por falta de um governo religioso, escapam sem ser punidos pela lei do Estado. Eles não podem, contudo, evitar a lei do Supremo, que declarou claramente no Bhagavad-gītā que esses demônios invejosos, com roupagem de propagandistas religiosos, serão lançados na região mais escura do inferno. O Śrī Īśopaniṣad confirma que os pseudorreligiosos se dirigem ao lugar mais abominável do universo depois de encerrarem o negócio de mestre espiritual, que serve apenas à gratificação dos sentidos.

13

anyad evāhuḥ sambhavād

anyad āhur asambhavāt

iti śuśruma dhīrāṇāṁ

ye nas tad vicacakṣire

PALABRA POR PALABRA

anyat – diferente; *eva* – certamente; *āhuḥ* – diz-se; *sambhavāt* – por adorar o Senhor Supremo, a causa de todas as causas; *anyat* – diferente; *āhuḥ* – diz-se; *asambhavāt* – por adorar o que não é o Supremo; *iti* – assim; *śuśruma* – ouvi; *dhīrāṇām* – das autoridades imperturbáveis; *ye* – que; *naḥ* – a nós; *tat* – acerca desse assunto; *vicacakṣire* – explicaram perfeitamente.

TRADUCCIÓN

Diz-se que um resultado se obtém adorando a Causa Suprema de todas as causas, e que outro se obtém adorando aquilo que não é supremo. Tudo isso foi ouvido das autoridades imperturbadas, que o explicaram claramente.

SIGNIFICADO

Neste mantra do Śrī Īśopaniṣad, confirma-se o sistema de ouvir as autoridades imperturbadas. Quem não ouve o ācārya genuíno, que jamais se perturba com as mudanças do mundo material, não pode ter a verdadeira chave do conhecimento transcendental. O mestre espiritual genuíno, que também ouviu os mantras śruti, ou o conhecimento Védico, de seu imperturbado ācārya, jamais fabrica ou apresenta algo que não seja mencionado na literatura Védica. No Bhagavad-gītā, afirma-se claramente que os adoradores dos pitṛs, ou antepassados, alcançam os antepassados; os materialistas grosseiros, que fazem planos para permanecer aqui neste mundo, aqui permanecem; e os devotos do Senhor, que não adoram ninguém além do Senhor Kṛṣṇa, a Causa Suprema de todas as causas, chegam a Ele em Sua Morada no céu espiritual.

Também aqui no Śrī Īśopaniṣad, declara-se que diferentes resultados são alcançados por diferentes modos de adoração. Se adorarmos o Senhor Supremo, certamente alcançaremos o Senhor Supremo em Sua Morada eterna; e, se adorarmos semideuses como o Sol e a Lua, poderemos, sem dúvida alguma, alcançar esses respectivos planetas. E, se quisermos permanecer aqui neste planeta miserável, com nossas comissões de planejamento e nossos paliativos ajustes políticos, certamente também poderemos fazê-lo. Em nenhuma escritura autêntica se diz que, faça o que fizer e adore o que adorar, a pessoa alcançará por fim a mesma meta. Tais teorias tolas são oferecidas por

mestres autonomeados que não têm conexão alguma com o paramparā, o sistema genuíno de sucessão discipular.

O mestre espiritual genuíno não pode dizer que todos os modos de adoração — seja a adoração aos semideuses, seja a adoração ao Supremo — conduzem à mesma meta. Para um homem comum, é muito fácil entender que uma pessoa que parte de trem de Bombaim pode chegar ao destino para o qual comprou a passagem, e a nenhum outro lugar. Quem comprou uma passagem para Calcutá pode chegar a Calcutá. Mas os supostos mestres contemporâneos pregam que qualquer passagem espiritual que se compre levará à Meta Suprema. Essas ofertas mundanas e conciliatórias atraem muitas criaturas tolas, que se envaidecem com seus métodos fabricados de percepção espiritual, mas a instrução Védica não as sustenta.

Quem não recebeu o conhecimento do mestre espiritual genuíno — aquele que está na linha reconhecida de sucessão discipular — não pode ter a coisa verdadeira como ela é. O Bhagavad-gītā diz: assim, ó castigador do inimigo, os princípios de yoga [do Gītā] eram conhecidos pelos grandes reis. Mas, tendo-se rompido o sistema paramparā, esses princípios agora parecem perdidos. Quando o Senhor Śrī Kṛṣṇa estava presente neste mundo, os princípios de bhakti-yoga definidos no Bhagavad-gītā haviam-se distorcido, e por isso o Senhor teve de restabelecer o sistema discipular, começando com Arjuna, que era o amigo e devoto mais íntimo do Senhor. O Senhor disse

claramente a Arjuna que os princípios do Gītā lhe eram compreensíveis porque ele era Seu devoto e amigo.

Em outras palavras, ninguém pode entender o Gītā sem ser devoto e amigo do Senhor. Isso significa que somente quem segue o caminho de Arjuna pode entender o Gītā. No momento atual, há muitos intérpretes desse sublime diálogo que nada têm a ver com Arjuna ou com o Senhor Kṛṣṇa. Eles interpretam os versos do Bhagavad-gītā a seu próprio modo e postulam toda sorte de disparates em nome do Gītā. Tais intérpretes não creem nem em Śrī Kṛṣṇa nem em Sua Morada eterna. Sendo assim, o que podem eles explicar sobre o Bhagavad-gītā? O Gītā diz claramente que só os que perderam o juízo adoram os semideuses. Kṛṣṇa aconselha, em última instância, que se abandonem todas as outras vias e modos de adoração e que a pessoa se renda plena e unicamente a Ele.

Aquelas pessoas que estão limpas de todas as reações pecaminosas podem ter essa fé inabalável no Senhor Supremo. As demais continuarão pairando sobre a esfera material com seus mesquinhos modos de adoração e, dessa forma, serão desviadas do caminho verdadeiro, sob a falsa impressão de que todos os caminhos conduzem à mesma meta. Neste mantra, a palavra sânscrita sambhavāt, adoração à Causa Suprema, é muito significativa. O Senhor Kṛṣṇa é a Personalidade de Deus Original, e tudo o que existe emanou dEle. No Gītā, o Senhor explica a Si mesmo. Ele diz ali que é o Criador de todos, inclusive de Brahmā, Viṣṇu e Śiva. E, como essas três deidades principais

do mundo material são criadas pelo Senhor, Ele é o Criador de tudo o que existe nos mundos material e espiritual.

No Atharva Veda, diz-se de modo semelhante que Aquele que existia antes da criação de Brahmā e que iluminou Brahmā com o conhecimento Védico é o Senhor Śrī Kṛṣṇa. "A Pessoa Suprema desejou criar as entidades vivas, e assim Nārāyaṇa criou todos os seres. De Nārāyaṇa nasceu Brahmā. Nārāyaṇa criou todos os Prajāpatis. Nārāyaṇa criou Indra. Nārāyaṇa criou os oito Vasus. Nārāyaṇa criou os onze Rudras. Nārāyaṇa criou os doze Ādityas." Sendo esse Nārāyaṇa a manifestação plenária do Senhor Kṛṣṇa, Nārāyaṇa e Kṛṣṇa são um e o mesmo. Há também leituras posteriores que dizem que o mesmo Senhor Supremo é o Filho de Devakī. Sua infância com Devakī e Vasudeva e Sua identidade com Nārāyaṇa também foram confirmadas por Śrīpāda Śaṅkarācārya, muito embora Śaṅkara não pertença ao culto vaiṣṇava, ou personalista.

Há ainda outras leituras, também no Atharva Veda, como esta: "Apenas Nārāyaṇa existia no princípio, e não havia existência de Brahmā nem de Śiva, nem de Agni, o fogo, nem da água. Não havia estrelas, não havia Sol, nem Lua. Ele não permanece sozinho. Ele cria conforme deseja." No Mokṣa-dharma, afirma-se: "Eu criei os Prajāpatis e os Rudras. Eles não têm conhecimento completo de Mim, porque também estão cobertos por Minha energia ilusória." No Varāha Purāṇa, declara-se: "Nārāyaṇa é a Suprema Personalidade de Deus, e dEle se manifestou Brahmā de quatro cabeças, bem como Rudra,

que mais tarde se tornou onisciente." Assim, toda a literatura Védica confirma esta visão de que Nārāyaṇa, ou Kṛṣṇa, é a Causa de todas as causas.

Também no Brahma-saṁhitā se diz que o Senhor Supremo é Śrī Kṛṣṇa. Ele é "Govinda", Aquele que deleita todos os seres vivos, e é a Causa Primordial de todas as causas. A pessoa realmente erudita saberá tudo isso pela evidência dos grandes sábios e dos Vedas e, assim, decidirá adorar o Senhor Kṛṣṇa como tudo o que existe. Chamam-se buddhas, ou realmente eruditas, as pessoas que se prendem unicamente à adoração de Śrī Kṛṣṇa. Essa convicção se estabelece quando se ouve a mensagem transcendental do imperturbado ācārya, com fé e amor. Quem não tem fé no Senhor Kṛṣṇa, nem amor por Ele, não pode convencer-se dessa verdade simples. Essas pessoas sem fé são descritas no Bhagavad-gītā como mūḍhas, tolas como o asno.

Diz-se que os mūḍhas zombam da Personalidade de Deus porque não têm o conhecimento completo recebido do imperturbado ācārya. Aquele que se perturba com os movimentos de redemoinho da energia material não está qualificado para tornar-se um ācārya. Antes de ouvir o Gītā, Arjuna estava perturbado por esse redemoinho — a reação da afeição pela família, pela sociedade e pela comunidade — e, por isso, queria tornar-se um filantropo e um homem não violento deste mundo. Mas, quando se tornou buddha, ao ouvir da Pessoa Suprema o conhecimento Védico do Bhagavad-gītā, ele mudou de decisão e se tornou um adorador do Senhor Śrī Kṛṣṇa, que

havia, Ele próprio, planejado a Batalha de Kurukṣetra. Arjuna adorou o Senhor lutando contra seus supostos parentes e, dessa maneira, tornou-se um devoto puro do Senhor.

Tais conquistas só são possíveis quando se adora o Kṛṣṇa verdadeiro, e não algum "Kṛṣṇa" fabricado, inaugurado por homens tolos, desprovidos de conhecimento das complexidades da ciência de Kṛṣṇa descrita no Gītā e no Śrīmad-Bhāgavatam. Segundo o Vedānta-sūtra, o Sambhūta é a fonte do nascimento e da sustentação, e o reservatório após a aniquilação. O Śrīmad-Bhāgavatam, o comentário natural sobre os Vedānta-sūtras pelo mesmo autor, comenta que a fonte de todas as emanações não é uma pedra morta, mas é abhijñaḥ, ou plenamente consciente. Por isso, o Senhor Primordial, Śrī Kṛṣṇa, diz no Gītā que é plenamente consciente do passado, do presente e do futuro, e que ninguém O conhece plenamente, nem mesmo semideuses como Śiva e Brahmā.

Aqueles que estão perturbados pelas marés da existência material não podem conhecê-Lo plenamente. Esses mestres espirituais semieducados tentam fazer algum acordo e transformam a massa de seres humanos em objeto de adoração. Eles não sabem que essa adoração às massas não é possível, nem são as massas perfeitas. Isso é algo como derramar água nas folhas da árvore, em vez de regar a raiz. O processo natural de adoração é derramar água na raiz da árvore, da qual crescem as folhas. Mas os perturbados líderes de hoje sentem-se mais atraídos pelas folhas do que pela raiz e, por isso, apesar de

regarem perpetuamente as folhas, tudo vai secando por falta de nutrição. O Śrī Īśopaniṣad nos aconselha a derramar água na raiz, a Fonte de toda germinação.

Adorar a população em massa, prestando-lhe um serviço corporal que jamais pode ser perfeito, é menos importante do que o serviço à alma. A alma é a raiz que gera diferentes tipos de corpos, conforme a lei do karma, ou reação material. Servir apenas o ser humano com recursos médicos, comodidades sociais e facilidades educacionais, enquanto se cortam as gargantas dos pobres animais nos matadouros, não constitui nenhum serviço válido aos seres vivos. O ser vivo sofre perpetuamente, em diferentes tipos de corpo, da doença material do nascimento, da morte, da velhice e da doença. A forma humana de vida é uma oportunidade de sair desse enredamento da existência material. Isso pode ser feito simplesmente pelo restabelecimento da relação perdida entre a entidade viva e o Senhor Supremo.

E o Senhor vem pessoalmente ensinar-nos essa filosofia de rendição ao Supremo, o Sambhūtam. O verdadeiro serviço à humanidade é ensinar a rendição ao Senhor Supremo e a adoração exclusiva a Ele, com pleno amor e energia. Essa é a instrução do Śrī Īśopaniṣad neste mantra. A maneira simples de adorar o Senhor Supremo nesta era de perturbação é ouvir e cantar sobre Suas grandes atividades. Os especuladores mentais, porém, julgam imaginárias as atividades do Senhor; por isso, abstêm-se de todo esse processo de ouvir e inventam algum

malabarismo de palavras, sem substância alguma, para desviar a atenção da pobre e inocente massa de pessoas. Em vez de ouvirem as atividades do Senhor Kṛṣṇa, eles preferem fazer propaganda de si mesmos, induzindo seus seguidores a cantarem sobre o pseudomestre espiritual.

Nos tempos modernos, o número desses fingidores aumentou consideravelmente, e tornou-se um problema para os devotos puros do Senhor salvar a massa de pessoas da propaganda profana desses fingidores e encarnações de imitação de Deus. Os Upaniṣads chamam indiretamente nossa atenção para o Senhor Primordial, Śrī Kṛṣṇa, e o Bhagavad-gītā, que é o resumo de todos os Upaniṣads, aponta diretamente para Śrī Kṛṣṇa. Deve-se, portanto, ouvir sobre Kṛṣṇa como Ele é, no Gītā ou no Śrīmad-Bhāgavatam, e isso gradualmente ajudará a pessoa a limpar a mente de todas as coisas contaminadas. O Bhāgavatam diz: "Por ouvir as atividades do Senhor, atrai-se a atenção do Senhor para o devoto.

E o Senhor, estando situado no coração de cada ser vivo, ajuda o devoto, dando-lhe a orientação adequada." O Bhagavad-gītā também confirma isso. Essa orientação interior dada pelo Senhor limpa o coração do devoto de todas as coisas sujas produzidas pelos modos materiais da paixão e da ignorância. Os não devotos estão sob a direção da paixão e da ignorância. Pela paixão, não se pode desapegar da afinidade material, e, pela ignorância, não se pode saber o que realmente se é, nem o que é o Senhor. Assim, no estado de paixão, não há possibilidade de

autorrealização, por mais que a pessoa desempenhe o falso papel de religiosa. Para o devoto, pela graça do Senhor, os modos da paixão e da ignorância são removidos, e ele de imediato se situa na qualidade da bondade, o sinal do brāhmaṇa perfeito.

Essa etapa de qualificação bramânica pode ser conquistada por toda e qualquer pessoa, desde que siga o caminho do serviço devocional sob a orientação de um mestre espiritual genuíno. O Bhāgavatam diz que qualquer entidade viva de nascimento baixo pode purificar-se sob a orientação de um devoto puro do Senhor, porque o Senhor é extraordinariamente poderoso. O primeiro sinal da qualificação bramânica é que o candidato se torna feliz e entusiasmado no que diz respeito ao serviço devocional ao Senhor. Isso desvenda diante dele, automaticamente, tudo sobre a ciência de Deus. E, conhecendo assim a ciência de Deus, ele gradualmente se desprende de seus apegos materiais, e sua mente duvidosa se torna cristalina, pela graça do Senhor. Somente nessa etapa pode a pessoa tornar-se uma alma liberada e ver o Senhor a cada passo da vida. Essa é a perfeição de sambhavāt, como se descreve neste mantra do Śrī Īśopaniṣad.

14

sambhūtiṁ ca vināśaṁ ca

yas tad vedobhayaṁ saha

vināśena mṛtyuṁ tīrtvā

sambhūtyāmṛtam aśnute

PALABRA POR PALABRA

sambhūtim – a eterna Personalidade de Deus, Seu nome, forma, passatempos, qualidades e parafernália transcendentais, a variedade de Sua morada etc.; *ca* – e; *vināśam* – a temporária manifestação material de semideuses, homens, animais etc., com seus falsos nomes, fama etc.; *ca* – também; *yaḥ* – aquele que; *tat* – isso; *veda* – conhece; *ubhayam* – ambos; *saha* – juntamente com; *vināśena* – com tudo o que está sujeito a ser destruído; *mṛtyum* – morte; *tīrtvā* – superando; *sam-bhūtyā* – no eterno reino de Deus; *amṛtam* – ausência de morte; *aśnute* – desfruta.

TRADUCCIÓN

Deve-se conhecer perfeitamente bem a Personalidade de Deus e Seu Nome transcendental, bem como a criação material temporária, com seus semideuses, homens e animais temporários. Quando alguém os conhece, ultrapassa a morte, e com ela a efêmera

manifestação cósmica, e, no eterno Reino de Deus, desfruta de sua vida eterna de bem-aventurança e conhecimento.

SIGNIFICADO

A civilização humana, com seu suposto avanço do conhecimento, criou muitas coisas materiais, inclusive cápsulas espaciais e energia atômica. Mas não conseguiu criar uma situação em que o homem não precise morrer, nascer de novo, envelhecer ou sofrer de doenças. Sempre que um homem inteligente levanta essas questões diante de um suposto cientista, este responde mui habilmente que a ciência material está progredindo e que, por fim, será possível tornar o homem livre da morte e da velhice. Tais respostas dos cientistas materiais provam sua ignorância grosseira acerca da natureza material. Na natureza material, tudo está sob as estritas leis da matéria e deve passar por seis etapas de existência: nascimento, crescimento, permanência, transformação, deterioração e, por fim, morte.

Nada que esteja em contato com a natureza material pode estar além das seis leis de existência acima mencionadas; portanto, ninguém — seja semideus, homem, animal ou árvore — pode sobreviver para sempre aqui no mundo material. A duração da vida pode variar nas diferentes espécies. O Senhor Brahmā, o principal ser vivo dentro deste mundo material, pode prolongar sua vida por milhões e milhões de anos, ao passo que os germes diminutos podem viver apenas algumas horas; isso não importa. Ninguém neste mundo material pode sobreviver eternamente. As

coisas aqui nascem ou são criadas sob certas condições, permanecem por algum tempo e, se têm vida, crescem, geram descendentes, depois definham gradualmente e por fim são aniquiladas. Por essa lei, até mesmo os Brahmās (há milhões de Brahmās em diferentes universos — cada um maior que o outro) estão todos sujeitos à morte, seja hoje, seja amanhã.

Portanto, o mundo material inteiro é chamado Martya-loka, o lugar da morte. Os cientistas materiais e os políticos estão tentando tornar este lugar livre da morte porque não têm informação alguma da imortal natureza espiritual, devido à sua ignorância da literatura Védica. A literatura Védica é cheia de conhecimento amadurecido pela experiência. Mas o homem moderno é avesso a receber conhecimento dos Vedas, dos Purāṇas e de outras escrituras. No Viṣṇu Purāṇa, temos a informação de que o Senhor Viṣṇu, a Personalidade de Deus, possui diferentes energias, conhecidas como parā, superior, e aparā, ou avidyā — inferior. A energia material em que estamos atualmente envolvidos chama-se energia avidyā, inferior, e a criação material torna-se possível por meio dessa energia. Mas há outra energia, superior, chamada parā-śakti, onde tudo é diferente desta natureza material inferior.

Essa natureza é a criação eterna, ou imortal, do Senhor. Todos os planetas materiais — superiores, inferiores e intermediários, inclusive o Sol, a Lua e Vênus — estão espalhados pelo universo. Esses planetas existem apenas durante o tempo de vida de Brahmā. Alguns planetas inferiores, contudo, são

aniquilados após o fim de um dia de Brahmā e são novamente criados durante o dia seguinte de Brahmā. O cálculo do tempo nos planetas superiores é diferente do nosso. Um ano nosso equivale a vinte e quatro horas, ou um dia e uma noite, em muitos dos planetas superiores. As quatro eras da Terra (Satya, Tretā, Dvāpara e Kali) perfazem uma duração de vinte e dois mil anos e cinco meses, segundo o tempo desses planetas superiores.

Essa extensão de tempo multiplicada por mil constitui um dia de Brahmā, e uma noite de Brahmā tem a mesma duração. Com tais dias e noites acumulando-se em meses e anos, a vida de Brahmā é estimada em cem anos. E, no fim de sua vida, a completa manifestação universal é aniquilada. Os seres vivos que residem no Sol e na Lua, bem como os do sistema de Martya-loka — que inclui esta Terra e muitos planetas abaixo da Terra —, são todos imersos na água da devastação durante a noite de Brahmā. Durante esse tempo, nenhum ser vivo ou espécie de vida permanece manifestado, embora espiritualmente continuem a existir. Essa etapa imanifesta chama-se avyakta. E, novamente, quando o universo inteiro é aniquilado no fim da vida de Brahmā, há um estado avyakta.

Mas, além desses dois estados imanifestos, há outra atmosfera, ou natureza, espiritual, onde existe um grande número de planetas espirituais, que existem eternamente, mesmo quando todos os planetas deste universo material são aniquilados. A manifestação cósmica dentro da jurisdição dos vários Brahmās é uma exibição de um quarto da energia do

Senhor, e essa energia é chamada inferior. A natureza espiritual além da jurisdição de Brahmā chama-se tri-pāda-vibhūti, três quartos da energia do Senhor, e é a energia superior, ou parā-prakṛti. A Pessoa Suprema predominante na natureza espiritual é o Senhor Śrī Kṛṣṇa. Ele só pode ser alcançado pelo serviço devocional imaculado, e por nada mais, como os processos de jñāna (filosofia) e yoga (misticismo), muito menos o de karma (trabalho fruitivo).

Os karmīs, ou trabalhadores fruitivos, podem elevar-se aos planetas de Svargaloka, inclusive o Sol e a Lua. Os jñānīs e yogīs podem alcançar planetas ainda mais elevados, como Brahmā-loka; e, tornando-se ainda mais qualificados pelo serviço devocional, é-lhes permitido entrar na natureza espiritual — seja na iluminadora atmosfera cósmica do céu espiritual (o Brahman), seja nos planetas, conforme a qualificação. É certo, porém, que ninguém pode entrar nos planetas espirituais chamados Vaikuṇṭhas sem ser treinado no serviço devocional. Nos planetas materiais, todos, desde Brahmā até a formiga, estão tentando assenhorear-se da natureza material, e isso se chama doença material. Enquanto essa doença material continuar, a entidade viva terá de submeter-se ao processo de mudança de corpos — seja na forma de semideus, de homem ou de animal — e, por fim, terá de suportar a condição imanifesta durante os dois tipos de devastação: a noite de Brahmā e o fim da vida de Brahmā.

Se quisermos cessar o processo de repetidos nascimentos e mortes, e os fatores concomitantes da velhice e da doença, devemos então tentar entrar nos planetas espirituais, e o Senhor Kṛṣṇa, por meio de Suas expansões plenárias, é a Figura dominante em todos e cada um deles. Ninguém pode predominar sobre Kṛṣṇa. E quem tenta predominar sobre a natureza material chama-se alma condicionada, estando sujeito às leis da natureza material e sofrendo as dores de repetidos nascimentos e mortes. O Senhor vem aqui para restabelecer os princípios da religião, e o princípio básico é desenvolver a atitude de rendição a Ele. O Senhor ensina isso na última porção do Bhagavad-gītā, mas homens tolos interpretaram habilmente de maneira errônea esse ensinamento primordial e desencaminharam o povo de diversas formas.

As pessoas têm sido incitadas a abrir hospitais, mas não se interessam em educar-se para entrar no reino espiritual mediante o serviço devocional. Foram ensinadas a interessar-se apenas pelo trabalho de alívio temporário, que jamais pode trazer felicidade verdadeira à entidade viva. Elas fundam variadas instituições públicas e semigovernamentais para enfrentar o poder devastador da natureza. Mas não sabem como apaziguar a insuperável natureza. Muitos homens são anunciados como grandes eruditos no Bhagavad-gītā, mas eles negligenciam o método efetivo ali apresentado para apaziguar a natureza material. A poderosa natureza só pode ser apaziguada pelo despertar da consciência de Deus, como se menciona claramente no Gītā. O Śrī Īśopaniṣad, porém, ensina neste

mantra que é preciso conhecer perfeitamente, lado a lado, tanto o sambhūti quanto o vināśa.

Conhecendo apenas o vināśa — a manifestação material temporária —, não se pode salvar nada: no curso da natureza, há devastação a cada momento. Ninguém pode ser salvo dessas devastações por nenhum esforço de abertura de hospitais. Só se pode ser salvo pelo conhecimento completo da vida eterna de bem-aventurança e consciência. Todo o esquema Védico destina-se a educar os homens nessa arte de alcançar a vida eterna. As pessoas são frequentemente desencaminhadas por outras coisas temporariamente atrativas, baseadas na gratificação dos sentidos, mas esse tipo de serviço que assim as desencaminha é o mais degradado. É preciso salvar o próximo no sentido correto. Não há possibilidade de gostar ou não gostar da verdade. Ela existe. Quem quiser salvar-se de repetidos nascimentos e mortes deve adotar o serviço devocional ao Senhor. Não pode haver concessões em questão de necessidade.

15

hiraṇmayena pātreṇa

satyasyāpihitaṁ mukham

tat tvaṁ pūṣann apāvṛṇu

satya-dharmāya dṛṣṭaye

PALABRA POR PALABRA

hiraṇmayena – por una refulgência dourada; *pātreṇa* – por uma cobertura deslumbrante; *satyasya* – da Verdade Suprema; *apihitam* – coberto; *mukham* – o rosto; *tat* – essa cobertura; *tvam* – Tu mesmo; *pūṣan* – ó sustentador!; *apāvṛṇu* – digna-Te a retirar; *satya* – puro; *dharmāya* – ao devoto; *dṛṣṭaye* – para mostrar.

TRADUCCIÓN

Ó meu Senhor, sustentador de tudo o que vive! Teu verdadeiro rosto está coberto por Tua deslumbrante refulgência. Digna-Te a retirar essa cobertura e manifesta-Te diante de Teu devoto puro.

SIGNIFICADO

No Bhagavad-gītā, o Senhor explica sobre Seus raios pessoais, chamados Brahma-jyoti — a refulgência deslumbrante de Sua Forma Pessoal —, da seguinte maneira: Eu sou a base do

Brahman impessoal, que é imortal e imperecível, eterno, a posição constitucional da felicidade última. (Gītā, 14/27) Brahman, Paramātmā e Bhagavān são três ângulos de visão da mesma Verdade Absoluta. O Brahman é a fase da Verdade Absoluta mais perceptível ao principiante. O Paramātmā é a fase da Verdade Absoluta para aqueles que progrediram. E Bhagavān é a compreensão última da Verdade Absoluta. Isso é confirmado no Gītā, onde o Senhor diz que Ele é o conceito último da Verdade Absoluta. Ele é a fonte do Brahma-jyoti, bem como do onipenetrante aspecto Paramātmā.

Assim como diz que é o reservatório último do Brahma-jyoti, ou concepção impessoal da Verdade Absoluta, o Senhor também diz no Gītā que não há necessidade de explicar Sua potência ilimitada: pode-se resumir, em poucas palavras, que, por meio de uma só de Suas porções plenárias — o onipenetrante Paramātmā —, Ele mantém a completa criação cósmica material. E também no Mundo Espiritual Ele mantém todas as manifestações. Portanto, no mantra śruti do Śrī Īśopaniṣad, Ele é chamado de Pūṣan, o Mantenedor último. A Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa, está sempre plena de bem-aventurança transcendental. Quando esteve presente em Vṛndāvana, na Índia, há 5.000 anos, Ele sempre permaneceu em bem-aventurança transcendental, mesmo desde o início de Seus passatempos infantis. As mortes de variados demônios, como Agha, Baka, Pūtanā e Pralamba, também foram excursões de prazer para Ele.

Quando estava em Sua aldeia, Ele Se divertia com Sua mãe, Suas irmãs e Seus amigos como o travesso Ladrão de Manteiga, e cada um de Seus associados desfrutava de bem-aventurança celestial com Seus furtos. O Senhor é conhecido como o Ladrão de Manteiga, mas o termo nunca é usado em sentido depreciativo. O termo Ladrão de Manteiga, no caso do Senhor, é usado com a compreensão do prazer de Seus devotos puros. Tudo o que o Senhor fez em Vṛndāvana foi para o prazer de Seus associados dali. Tais manifestações foram criadas por Ele para atrair os áridos especuladores da linha transcendental, bem como os acrobatas do suposto sistema de haṭha-yoga, que tentam encontrar a Verdade Absoluta.

Sobre as brincadeiras infantis do Senhor com Seus companheiros, os vaqueirinhos, Śukadeva Gosvāmī disse no Śrīmad-Bhāgavatam: a Personalidade de Deus, que é percebida como o bem-aventurado Brahman impessoal, que é adorada como o Senhor Supremo pelos devotos e que é considerada um ser humano comum pelos mundanos, brincava com os vaqueirinhos, que haviam alcançado aquela posição após um enorme acúmulo de atos piedosos. Assim, o Senhor está sempre ocupado em atividades amorosas transcendentais com Seus associados espirituais, nas várias relações de śānta, calma; dāsya, servidão; sākhya, amizade; vātsalya, afeição paternal; e mādhurya, amor conjugal. Diz-se que o Senhor jamais sai do Vṛndāvana-dhāma; pode-se então perguntar como Ele administra os assuntos de Suas diferentes criações.

Isso é respondido no Gītā: Ele penetra toda a criação material por meio de Sua parte plenária, conhecida como a encarnação puruṣa. O Senhor nada tem a ver com a criação, manutenção e destruição materiais, mas faz com que sejam executadas por Sua expansão plenária, esse aspecto de Paramātmā, ou Superalma. Toda entidade viva é conhecida como ātmā, alma. O Ātmā principal, que controla todas elas, é o Paramātmā, a Superalma. Todo o sistema de compreensão de Deus é uma grande ciência. Os materialistas só podem analisar e meditar nos vinte e quatro fatores da criação material. Eles têm pouquíssima informação sobre o puruṣa, o Senhor. Os transcendentalistas impessoais ficam simplesmente confundidos pela refulgência deslumbrante do Brahma-jyoti. Quem quiser ver a Verdade Absoluta por completo terá de penetrar além dos vinte e quatro elementos materiais e também além da refulgência deslumbrante.

O Śrī Īśopaniṣad indica essa direção, orando pela remoção do hiraṇmaya-pātra, a cobertura deslumbrante. Enquanto essa cobertura não for removida e não se puder perceber a Suprema Personalidade de Deus como Ele é, a compreensão efetiva da Verdade Absoluta jamais poderá ser alcançada. O aspecto Paramātmā da Personalidade de Deus é uma de três expansões plenárias, chamadas coletivamente viṣṇu-tattva. O viṣṇu-tattva dentro do universo (uma das três deidades principais — Brahmā, Viṣṇu e Śiva) é conhecido como Kṣīrodaka-śāyī Viṣṇu. Ele é o onipenetrante Paramātmā em toda e cada entidade viva individual. E o Garbhodaka-śāyī Viṣṇu é a Superalma coletiva de todas as entidades vivas. Além desses dois, há o Kāraṇodaka-śāyī

Viṣṇu, que jaz no Oceano Causal. Ele é o Criador de todos os universos.

O sistema de yoga ensina o estudante sério a encontrar esses viṣṇu-tattvas depois de superar os vinte e quatro elementos materiais da criação cósmica. O cultivo da filosofia empírica ajuda a pessoa a perceber o Brahma-jyoti impessoal, que é a refulgência deslumbrante do corpo transcendental do Senhor Śrī Kṛṣṇa. Isso é confirmado no Bhagavad-gītā, bem como no Brahma-saṁhitā (5/40): nos milhões e milhões de universos, há inumeráveis planetas, todos e cada um deles diferentes dos outros pela constituição cósmica, e todos situados em um canto do Brahma-jyoti. Esse Brahma-jyoti é o raio pessoal da Suprema Personalidade de Deus, a quem eu adoro. Esse mantra do Brahma-saṁhitā é a posição da compreensão efetiva da Verdade Absoluta, e o mantra śruti do Śrī Īśopaniṣad em discussão é uma confirmação desse mantra como processo de compreensão.

É uma simples oração ao Senhor para que remova o Brahma-jyoti, de modo que se possa ver a verdadeira face de Deus. Conhecimento perfeito significa conhecer a raiz do Brahman. A raiz do Brahman é o Senhor Śrī Kṛṣṇa, e em escrituras como o Śrīmad-Bhāgavatam a ciência de Kṛṣṇa é elaborada com perfeição. No Bhāgavatam, o autor, Śrīla Vyāsadeva, estabeleceu, por compreensão própria, que a Verdade Suprema é descrita como Brahman, Paramātmā ou Bhagavān. Mas ele jamais disse que a Verdade Suprema seja descrita em alguma parte como jīva, a entidade viva comum. Portanto, a entidade viva não é a todo-

poderosa Verdade Suprema. De outro modo, não haveria necessidade de a entidade orar ao Senhor para que removesse a cobertura deslumbrante a fim de poder ver Sua verdadeira face.

A conclusão é, portanto, que, na ausência das manifestações potentes da Verdade Suprema, percebe-se o Brahman impessoal. De modo semelhante, quando há percepção das potências materiais do Senhor, com pouca ou nenhuma informação da potência espiritual, trata-se da percepção do Paramātmā. Por conseguinte, tanto a compreensão Brahman quanto a compreensão Paramātmā da Verdade Absoluta são compreensões parciais. Mas, quando alguém percebe a Suprema Personalidade de Deus, Śrī Kṛṣṇa, em plena potência, após a remoção do hiraṇmaya-pātra, como se ora neste mantra, ele então compreende que vāsudevaḥ sarvam iti: o Senhor Śrī Kṛṣṇa, conhecido como Vāsudeva, é tudo — Brahman, Paramātmā e Bhagavān. Ele é Bhagavān, a raiz, e Brahman e Paramātmā são Seus ramos. No Bhagavad-gītā, há uma análise comparativa dos três graus de transcendentalistas: os jñānīs, os adoradores do Brahman impessoal; os yogīs, ou adoradores do aspecto Paramātmā; e os bhaktas, ou devotos do Senhor Śrī Kṛṣṇa.

Afirma-se no Gītā que, entre todos os tipos de transcendentalistas, aquele que é um jñānī, que cultivou o conhecimento Védico, é supremo. Contudo, os yogīs são ainda superiores aos jñānīs. Os yogīs são também muito superiores aos trabalhadores fruitivos. E, entre todas as espécies de yogīs, "aquele que constantemente serve o Senhor com toda a sua

energia é o mais elevado". O resumo é que um filósofo é melhor do que um trabalhador braçal, e um místico é muito superior a um filósofo. E, de todos os yogīs místicos, aquele que segue o bhakti-yoga, que está constantemente ocupado no serviço ao Senhor, é o mais elevado. O Śrī Īśopaniṣad nos dirige a essa perfeição da vida.

16

pūṣann ekarṣe yama sūrya prājāpatya

vyūha raśmīn samūha

tejo yat te rūpaṁ kalyāṇa-tamaṁ

tat te paśyāmi yo 'sāv asau puruṣaḥ so 'ham asmi

PALABRA POR PALABRA

pūṣan – ó sustentador!; *eka-ṛṣe* – o filósofo primordial; *yama* – o princípio regulador; *sūrya* – o destino dos sūris (grandes devotos); *prājāpatya* – o benquerente dos prajāpatis (progenitores da humanidade); *vyūha* – digna-Te a retirar; *raśmīn* – os raios; *samūha* – digna-Te a recolher; *tejaḥ* – refulgência; *yat* – de modo que; *te* – Tua; *rūpam* – forma; *kalyāṇa-tamam* – a mais auspiciosa; *tat* – essa; *te* – Tua; *paśyāmi* – possa eu contemplar; *yaḥ* – aquele que é; *asau* – como o sol; *asau* – essa; *puruṣaḥ* – Personalidade de Deus; *saḥ* – eu mesmo; *aham* – eu; *asmi* – sou.

TRADUCCIÓN

Ó meu Senhor, ó Filósofo primordial, Mantenedor do universo, ó Princípio regulador, Destino dos devotos puros, Benquerente dos progenitores da humanidade, por favor, remove a refulgência de Teus raios transcendentais, para que eu possa ver Tua Forma de

Bem-aventurança. Tu és a eterna Suprema Personalidade de Deus, tal qual o Sol, assim como eu.

SIGNIFICADO

O Sol e os raios do Sol são qualitativamente unos. De modo semelhante, o Senhor e as entidades vivas são unos em qualidade. O Sol é um, mas as moléculas dos raios do Sol são inumeráveis. Os raios do Sol constituem parte do Sol; o Sol e os raios, em conjunto, são o Sol completo. Dentro do planeta Sol está o deus do Sol e, de modo semelhante, dentro do supremo planeta espiritual, Goloka Vṛndāvana, do qual emana o refulgente Brahma-jyoti, está o Senhor eterno, como se afirma no Brahma-saṁhitā: a Morada transcendental do Senhor Kṛṣṇa é a terra de pedras-de-toque, com as quais as casas são construídas, sombreadas por árvores-dos-desejos. Ali, o Senhor Se ocupa em apascentar as vacas surabhi e é sempre servido e rodeado por milhares de Deusas da Fortuna, que O atendem com todo o respeito.

A descrição dessa Morada transcendental do Senhor Kṛṣṇa encontra-se no Brahma-saṁhitā, e o Brahma-jyoti é ali descrito como os raios supremos que emanam daquele planeta, assim como os raios do Sol vêm do globo solar. Quem não ultrapassa o clarão do Brahma-jyoti não pode ter informação alguma da terra do Senhor. O filósofo impersonalista, cegado pelo deslumbrante Brahma-jyoti, não pode perceber a verdadeira Morada do Senhor, nem Sua forma transcendental. Afetados por tão escasso cabedal de conhecimento, os pensadores não podem

compreender a todo-bem-aventurada forma transcendental do Senhor Kṛṣṇa. O Śrī Īśopaniṣad, portanto, oferece esta oração ao Senhor, para que remova os raios refulgentes do Brahma-jyoti, de modo que o devoto puro possa ver Sua todo-bem-aventurada forma transcendental.

Pela percepção do Brahma-jyoti impessoal, experimenta-se o aspecto auspicioso do Supremo; pela experiência do Paramātmā, ou aspecto onipenetrante do Supremo, experimenta-se uma iluminação ainda mais auspiciosa; e, ao encontrar-se face a face com a Personalidade de Deus, o devoto experimenta o aspecto mais auspicioso do Supremo. Sendo chamada de Filósofo, Mantenedor, Benquerente e assim por diante, a Verdade Suprema não pode ser considerada impessoal. Essa é a indicação do Śrī Īśopaniṣad. A palavra Mantenedor é especialmente significativa: o Senhor mantém especificamente Seus devotos, embora seja o Mantenedor de todos os seres. Quando, ultrapassando o Brahma-jyoti impessoal, o devoto vê o aspecto pessoal do Senhor e Sua auspiciosíssima forma eterna, ele então compreende a Verdade Absoluta em plenitude.

Śrīla Jīva Gosvāmī diz o seguinte em seu Bhagavat-sandarbha: a concepção completa da Verdade Absoluta é percebida na Personalidade de Deus, porque Ele é Todo-poderoso, com plena potência em transcendência. No Brahma-jyoti, a plena potência da Verdade Absoluta não é percebida; portanto, a compreensão Brahman é apenas a compreensão parcial da Personalidade de Deus. Ó sábios eruditos, a primeira

letra da palavra Bhagavān é duplamente significativa: primeiro, no sentido de "aquele que mantém plenamente" e, segundo, no sentido de "guardião". A segunda letra, ga, significa guia, líder ou criador. A letra va (ou ba) significa que todo ser vive nEle e que Ele também vive em todo ser. Em outras palavras, o som transcendental Bhagavān representa conhecimento, potência, energia, opulência, força e influência infinitos, tudo sem nenhum vestígio das embriagueses materiais.

O Senhor mantém plenamente Seus devotos imaculados e guia esses devotos progressivamente no caminho da perfeição devocional. Como Líder de Seus devotos, Ele por fim concede o resultado desejado do serviço devocional, dando-Se a Seus devotos. Os devotos do Senhor veem o Senhor olho a olho pela misericórdia sem causa do Senhor, e assim o Senhor ajuda Seus devotos a alcançarem o supremo planeta espiritual, Goloka Vṛndāvana. Como Criador, Ele pode criar em Seu devoto todas as qualificações necessárias para que o devoto possa finalmente alcançá-Lo. O Senhor é a Causa de todas as causas, e não há causa dEle, pois Ele é a Causa Original. Assim sendo, Ele desfruta de Seu próprio Eu, manifestando Sua própria potência interna.

A potência externa não é manifestada exatamente por Ele próprio, pois Ele Se expande como os puruṣas, e é nessas formas que Ele mantém os aspectos da manifestação material. Por meio dessas expansões, Ele cria, mantém e aniquila a manifestação cósmica. As entidades vivas também são expansões diferenciadas

de Seu Eu, e, como algumas das entidades vivas desejam ser senhores, imitando o Senhor Supremo, Ele lhes permite entrar na criação cósmica, com a opção de utilizarem plenamente sua propensão à dominação. Por causa da presença de Suas partes integrantes, as entidades vivas, o mundo fenomenal inteiro é posto em ação e reação. As entidades vivas recebem plena facilidade para dominar a natureza material, mas o controlador último é o próprio Senhor, em Seu aspecto plenário de Paramātmā, a Superalma, que é um dos puruṣas.

Portanto, há um abismo de diferença entre a entidade viva, conhecida como ātmā, e o Senhor controlador, conhecido como Paramātmā — a alma e a Superalma. O Paramātmā é o controlador, e o ātmā é o controlado; logo, eles não podem estar no mesmo nível. O Paramātmā coopera plenamente com o ātmā e, por isso, é conhecido como o companheiro constante do ser vivo. Esse aspecto onipenetrante do Senhor — que existe em todas as circunstâncias de vigília e sono, bem como nos estados potenciais, e do qual a jīva-śakti (força viva) é gerada, tanto na forma das almas condicionadas quanto das liberadas — é conhecido como Brahman. Assim, o Senhor é a Origem tanto do Paramātmā quanto do Brahman; portanto, Ele é a Origem de todas as entidades vivas e de tudo o mais que existe.

Quem sabe disso ocupa-se de imediato no serviço devocional ao Senhor. Esse devoto puro e plenamente consciente do Senhor é totalmente apegado a Ele de coração e alma, e, sempre que se reúne com devotos semelhantes, eles não têm outra ocupação

senão glorificar o Senhor por Suas atividades transcendentais. Aqueles que não são tão perfeitos quanto os devotos puros — aqueles que perceberam apenas o aspecto Brahman ou o aspecto Paramātmā do Senhor — não podem apreciar as atividades desses devotos perfeitos. Mas o Senhor sempre ajuda esses devotos puros, fornecendo-lhes o conhecimento necessário dentro de seus corações, e, por Seu favor especial, dissipa toda a escuridão da ignorância. Isso os filósofos e yogīs não podem imaginar, porque dependem mais ou menos de sua própria força.

Como se afirma no Kaṭha Upaniṣad, o Senhor só pode ser conhecido por aqueles a quem Ele favorece, e por ninguém mais. E esses favores especiais são concedidos unicamente a Seus devotos puros. O Śrī Īśopaniṣad indica aqui esse favor do Senhor, que está além do alcance do Brahma-jyoti.

17

vāyur anilam amṛtam

athedaṁ bhasmāntaṁ śarīram

oṁ krato smara kṛtaṁ smara

krato smara kṛtaṁ smara

PALABRA POR PALABRA

vāyuḥ – ar de vida; *anilam* – reserva total de ar; *amṛtam* – indestrutível; *atha* – agora; *idam* – este; *bhasmāntam* – depois de ser reduzido a cinzas; *śarīram* – corpo; *oṁ* – ó Senhor!; *krato* – ó desfrutador de todos os sacrifícios!; *smara* – digna-Te a lembrar; *kṛtam* – tudo o que fiz; *smara* – digna-Te a lembrar; *krato* – ó beneficiário supremo!; *smara* – digna-Te a lembrar; *kṛtam* – tudo o que fiz por Ti; *smara* – digna-Te a lembrar.

TRADUCCIÓN

Que este corpo temporário seja reduzido a cinzas, e que o ar vital se funda com a totalidade do ar. Agora, ó meu Senhor, por favor, lembra-Te de todos os meus sacrifícios e, porque és o Beneficiário último, por favor, lembra-Te de tudo o que fiz para Ti.

SIGNIFICADO

Este corpo material temporário é certamente uma roupa estranha. No Bhagavad-gītā, afirma-se claramente que, após a destruição do corpo material, a entidade viva não é aniquilada, nem perde sua identidade. A identidade da entidade viva, portanto, nunca é impessoal ou sem forma; ao contrário, é a roupa material que não tem forma e que toma uma forma segundo a forma da pessoa indestrutível. Nenhuma entidade viva é originalmente sem forma, como erradamente supõem as pessoas de escasso cabedal de conhecimento. Também aqui, no Mantra Dezessete do Śrī Īśopaniṣad, sustenta-se o princípio de que a entidade viva existe após a aniquilação do corpo material. No mundo material, há uma obra maravilhosa da natureza material na criação de diferentes variedades de corpos para os seres vivos, conforme suas propensões para a gratificação dos sentidos.

Àquele que quis comer excremento é dado um corpo material bastante adequado para comer excremento — o de um porco. De modo semelhante, o tigre tem um corpo tal que pode viver desfrutando do sangue de outros animais e comendo sua carne. O ser humano não se destina a comer excremento nem carne, porque o formato dos dentes é diferente. Tampouco tem ele desejo algum de provar excremento, mesmo no estado de vida mais primitivo. Os dentes humanos são feitos de tal modo que podem mastigar e cortar frutas e legumes, com dois dentes caninos para que também se possa comer carne. Os corpos materiais de todos os animais e homens são estranhos à entidade

viva e mudam conforme o desejo do ser quanto à gratificação dos sentidos.

Nesse ciclo de evolução, o ser muda de corpo um após outro: da vida aquática — quando o mundo estava cheio de água — para a vida vegetal; da vida vegetal para a vida de verme; da vida de verme para a vida de pássaro; da vida de pássaro para a vida animal; e da vida animal para a forma humana. O mais elevado desenvolvimento da vida é esta forma humana, quando possuída de pleno senso de conhecimento espiritual, e o mais elevado desenvolvimento do senso espiritual é descrito neste mantra do Veda: deve-se abandonar este corpo material, para que seja reduzido a cinzas, e permitir que o ar vital se funda no eterno reservatório de ar. As atividades do ser vivo são executadas dentro do corpo pelos movimentos de diferentes tipos de ar, o que se chama, em resumo, prāṇa-vāyu.

Os yogīs geralmente estudam como controlar os ares do corpo, e supõe-se que a alma suba de um círculo de ar a outro, até elevar-se ao brahma-randhra, o círculo de ar mais alto. Dali, o yogī perfeito pode transferir-se a qualquer planeta que deseje. O processo é abandonar um corpo e então entrar em outro, e a perfeição máxima dessa mudança de corpo só é possível quando a entidade viva é capaz de abandonar por completo este corpo material, como se sugere neste mantra. Ela pode então entrar na atmosfera espiritual, onde desenvolve um corpo de qualidade completamente diferente — um corpo espiritual —, que jamais tem de encontrar a morte ou a mudança. Aqui no mundo

material, o ser é forçado pela natureza material a mudar de corpo, por causa de seus diferentes desejos de gratificação dos sentidos.

Esses desejos estão representados nas várias espécies de vida, desde os germes até os corpos materiais mais perfeitos, os de Brahmā e dos semideuses. Todos eles têm corpos de matéria em diferentes formas, e a pessoa inteligente vê a unidade não na variedade dos corpos, mas na identidade espiritual. A centelha espiritual, que é parte integrante do Senhor Supremo, é a mesma, quer no corpo de um porco, quer no corpo de um semideus. Há diferentes corpos conforme as atividades piedosas e viciosas da entidade viva. O corpo humano é altamente desenvolvido, com plena consciência da constituição do corpo; e o homem mais perfeito, segundo as escrituras Védicas, rende-se ao Senhor após muitos e muitos nascimentos de cultivo de conhecimento.

O cultivo do conhecimento só alcança a perfeição quando o conhecedor chega ao ponto de render-se ao Senhor Supremo, chamado Vāsudeva. Mas, mesmo após alcançar o conhecimento da própria identidade espiritual, se não chegar ao ponto de saber que as entidades vivas são partes integrantes eternas do Todo e que jamais podem tornar-se o Todo, a pessoa terá de cair novamente na atmosfera material, mesmo depois de ter-se tornado una com o Brahma-jyoti. O Brahma-jyoti que emana do corpo transcendental do Senhor é cheio de centelhas espirituais. As centelhas espirituais, sendo identidades individuais com

pleno senso de existência, às vezes desejam tornar-se desfrutadoras dos sentidos, e assim lhes são dados lugares no mundo material para se tornarem falsos senhores, sob o ditame dos sentidos.

Esse senso de dominação é a doença material do ser vivo, e, sob o encanto desse gozo dos sentidos, ele transmigra pelas diferentes formas de corpo manifestadas no mundo material. O senso de tornar-se uno com o Brahma-jyoti não é, portanto, conhecimento maduro. Render-se completamente ao Senhor e desenvolver o senso de serviço espiritual é a etapa de perfeição máxima. Neste mantra, a entidade viva ora para entrar no Reino espiritual de Deus após abandonar o corpo material e o ar material. O devoto ora ao Senhor para que Se lembre de suas atividades e dos sacrifícios que realizou, agora, antes que seu corpo material seja reduzido a cinzas. Essa oração é feita no momento da morte, com plena consciência dos atos passados e da meta última.

Quem está completamente sob as regras da lei material lembra-se das atividades hediondas praticadas durante a existência de seu corpo material e, por isso, recebe outro corpo material depois da morte. O Bhagavad-gītā confirma essa verdade. Ele declara que, no momento da morte, a mente carrega consigo as propensões do animal moribundo, e a vida seguinte é obtida conforme esse estado mental. Diferentemente dos animais simples, que não têm mente desenvolvida, o ser humano pode lembrar-se das atividades de sua vida que passa, como dos

sonhos à noite; por isso, sua mente permanece sobrecarregada de desejos materiais, e ele não pode entrar no reino espiritual com um corpo espiritual. Os devotos, porém, pela prática do serviço devocional ao Senhor, desenvolvem um sentimento de amor por Deus.

E, mesmo que no momento da morte o devoto não se lembre de seu serviço divino, o Senhor não Se esquece dele. Esta oração é para lembrar ao Senhor os sacrifícios do devoto, mas, mesmo que não haja tal lembrete, o Senhor não Se esquece do serviço devocional do devoto puro. O Senhor descreve claramente no Gītā Sua relação íntima com Seus devotos. Śrīla Bhaktivinoda Ṭhākura explica os versos do Gītā a esse respeito: deve-se aceitar o devoto que está no caminho correto dos santos, mesmo que tal devoto pareça ter um caráter relaxado. Deve-se tentar entender o verdadeiro significado das palavras "caráter relaxado". A alma condicionada tem de agir em duas funções, a saber: uma para a manutenção do corpo e outra para a autorrealização.

Posição social, desenvolvimento mental, limpeza, austeridade, nutrição e a luta pela existência destinam-se todos à manutenção do corpo. E a parte de suas atividades voltada para a autorrealização é executada em sua ocupação como devoto do Senhor, e ele também age nesse sentido. Essas duas funções diferentes correm em linhas paralelas, porque a alma condicionada não pode abandonar a manutenção do corpo. A proporção das atividades para a manutenção do corpo, contudo, diminui na medida em que aumenta o serviço devocional. E,

enquanto a proporção do serviço devocional não chegar ao ponto certo, haverá a possibilidade de uma exibição ocasional de mundanismo. Mas deve-se notar que esse mundanismo não pode continuar por muito tempo, porque, pela graça do Senhor, tais imperfeições chegarão ao fim muito em breve.

Portanto, o caminho do serviço devocional é o único caminho correto. Estando a pessoa no caminho correto, nem mesmo uma ocorrência ocasional de mundanismo impede o avanço na autorrealização. E, no próprio Gītā, Kṛṣṇa diz: aquele que se ocupa em serviço devocional, mesmo que cometa a ação mais abominável, deve ser considerado santo, porque está corretamente situado. Muito em breve ele se torna virtuoso e alcança a paz duradoura. Ó filho de Kuntī, é Minha promessa que Meu devoto jamais perecerá. Ó filho de Pṛthā, qualquer pessoa que se abrigar em Mim, seja mulher, seja comerciante, seja nascida em família baixa, pode ainda assim aproximar-se do Destino Supremo. Quanto mais, então, os brāhmaṇas, os virtuosos, os devotos e os reis santos!

Neste mundo miserável, esses estão fixos no serviço devocional ao Senhor. Ocupa-te em Meu serviço e rende-te a Mim. Completamente absorto em Mim, certamente virás a Mim. (Gītā, IX/30-34) Essas facilidades do serviço devocional são negadas aos impersonalistas, porque eles estão apegados ao aspecto Brahma-jyoti do Senhor. Eles não podem penetrar o Brahma-jyoti, como se sugeriu nos mantras anteriores, nem creem na Personalidade de Deus. A ocupação deles diz respeito

principalmente à semântica, ao malabarismo de palavras da criação mental. Assim sendo, os impersonalistas empreendem um trabalho infrutífero, como se confirma no Décimo Segundo Capítulo do Bhagavad-gītā. Todas as facilidades sugeridas neste mantra do Śrī Īśopaniṣad podem ser facilmente obtidas pelo contato constante com o aspecto Pessoal da Verdade Absoluta.

O serviço devocional ao Senhor consiste essencialmente em nove atividades transcendentais da parte do devoto: 1. ouvir sobre o Senhor; 2. glorificar o Senhor; 3. lembrar-se do Senhor; 4. servir os Pés de Lótus do Senhor; 5. adorar o Senhor; 6. oferecer orações ao Senhor; 7. servir o Senhor; 8. associar-se amistosamente com o Senhor; 9. render tudo ao Senhor. Esses nove princípios do serviço devocional — em sua totalidade ou um a um — podem ajudar o devoto a permanecer constantemente em contato com Deus e, dessa forma, no fim da vida, é fácil para o devoto lembrar-se do Senhor. Adotando apenas um desses nove princípios, os seguintes renomados devotos do Senhor puderam alcançar a perfeição máxima: 1.

Apenas por ouvir, Mahārāja Parīkṣit, o herói do Śrīmad-Bhāgavatam, alcançou o resultado desejado. 2. Simplesmente por glorificar o Senhor, Śukadeva Gosvāmī, o orador do Śrīmad-Bhāgavatam, alcançou sua perfeição. 3. Por orar, Akrūra alcançou o resultado desejado. 4. Por lembrar, Prahlāda Mahārāja alcançou o resultado desejado. 5. Por adorar, Pṛthu Mahārāja alcançou a perfeição. 6. Por servir os Pés de Lótus do Senhor, a Deusa da Fortuna, Lakṣmī, alcançou a perfeição. 7.

Pelo serviço pessoal ao Senhor, Hanumān alcançou o resultado desejado. 8. Pela amizade, Arjuna alcançou o resultado. 9. Por render tudo o que tinha, Mahārāja Bali alcançou o resultado desejado. Na verdade, a explicação deste mantra e de praticamente todos os mantras dos hinos Védicos está resumida nos Vedānta-sūtras, e depois eles são adequadamente explicados no Śrīmad-Bhāgavatam.

O Śrīmad-Bhāgavatam é o fruto maduro da árvore Védica da sabedoria. No Śrīmad-Bhāgavatam, este mantra em particular é explicado nas perguntas e respostas de Mahārāja Parīkṣit e Śukadeva Gosvāmī, logo no início de seu encontro. Como ouvir e cantar a ciência de Deus é o princípio básico da vida devocional, o Bhāgavatam completo é ouvido por Mahārāja Parīkṣit e cantado por Gosvāmī Śukadeva. Mahārāja Parīkṣit interrogou Śukadeva porque Śukadeva era um mestre espiritual maior do que qualquer grande yogī ou transcendentalista de seu tempo. A pergunta de Mahārāja Parīkṣit foi: "Qual é o dever de todo homem, especificamente no momento da morte?" A resposta de Gosvāmī Śukadeva foi que todo aquele que desejar livrar-se de todas as ansiedades deve sempre ouvir sobre a Personalidade de Deus e glorificá-Lo, pois Ele é o Diretor Supremo de tudo, o Extintor de todas as dificuldades e a Superalma de todas as entidades vivas.

A suposta sociedade humana geralmente se ocupa, à noite, em dormir ou em entregar-se ao sexo. E, durante o dia, os homens se ocupam em ganhar tanto dinheiro quanto possível, ou

então em fazer compras para a manutenção da família. As pessoas têm pouquíssimo tempo para falar da Personalidade de Deus ou para fazer qualquer indagação sobre Ele. Elas descartaram a questão da existência de Deus de muitas maneiras, especialmente declarando-O impessoal, isto é, sem nenhuma percepção sensória. Mas na literatura Védica — sejam os Upaniṣads, os Vedānta-sūtras, o Bhagavad-gītā ou o Śrīmad-Bhāgavatam —, em todas as escrituras se declara que o Senhor é o Ser senciente, supremo sobre todas as outras entidades vivas. E Suas gloriosas atividades são idênticas a Ele próprio.

Não se deve, portanto, entregar-se a ouvir e falar das atividades disparatadas dos políticos mundanos e dos supostos grandes homens da sociedade, mas deve-se moldar a vida de tal forma que nem um segundo seja desperdiçado sem ocupação em atividades divinas. O Śrī Īśopaniṣad nos dirige a tais atividades. Quem não estiver acostumado a essa prática devocional, de que se lembrará no momento da morte, quando o corpo se desconjuntar, e como poderá orar ao Senhor Todo-poderoso para que Se lembre de seus sacrifícios? Sacrifício significa sacrificar o interesse dos sentidos. É preciso aprender essa arte empregando os sentidos no serviço ao Senhor durante a vida, para que se possa utilizar o resultado no momento da morte.

18

agne naya supathā rāye asmān

viśvāni deva vayunāni vidvān

yuyodhy asmaj juhurāṇam eno

bhūyiṣṭhāṁ te nama-uktiṁ vidhema

PALABRA POR PALABRA

agne – ó meu Senhor, tão poderoso quanto o fogo!; *naya* – digna-Te a conduzir-nos; *supathā* – pelo caminho correto; *rāye* – para chegar a Ti; *asmān* – a nós; *viśvāni* – todas; *deva* – ó meu Senhor!; *vayunāni* – ações; *vidvān* – o conhecedor; *yuyodhi* – digna-Te a retirar; *asmat* – de nós; *juhurāṇam* – todos os obstáculos no caminho; *enaḥ* – todos os vícios; *bhūyiṣṭhām* – as mais numerosas; *te* – a Ti; *namaḥ uktim* – palavras de reverência; *vidhema* – ofereço.

TRADUCCIÓN

Ó meu Senhor, poderoso como o fogo, ó Onipotente, agora Te ofereço todas as reverências, prostrando-me ao chão a Teus Pés. Ó meu Senhor, por favor, conduze-me pelo caminho correto para chegar a Ti e, como sabes tudo o que fiz no passado, por favor, livra-me das

reações de meus pecados passados, para que não haja nenhum obstáculo ao meu progresso.

SIGNIFICADO

Esse processo de rendição e de oração pela misericórdia sem causa do Senhor conduz o devoto progressivamente no caminho da completa autorrealização. O Senhor é chamado de fogo porque pode reduzir tudo a cinzas — inclusive os pecados da alma rendida. Como se descreveu nos mantras anteriores, o aspecto real ou último do Absoluto é Seu aspecto como a Personalidade de Deus. Seu aspecto impessoal, o Brahma-jyoti, é uma cobertura deslumbrante sobre a face do Senhor. As atividades fruitivas, ou o caminho de karma-kāṇḍa para a autorrealização, constituem a etapa mais baixa desse empenho. Tão logo essas atividades se desviem, mesmo que ligeiramente, dos princípios reguladores dos Vedas, elas se transformam em vikarma, ou seja, atos contrários ao interesse de quem age.

Esse vikarma é praticado pelas entidades vivas iludidas simplesmente em prol da gratificação dos sentidos, e assim tais atividades se tornam obstáculos no caminho da autorrealização. A autorrealização é possível na forma humana de vida, mas não em outras formas. Existem 8.400.000 espécies ou formas de vida, das quais a forma humana, dotada das qualificações da cultura bramânica, apresenta a única oportunidade de se obter o conhecimento da Transcendência. Cultura bramânica significa veracidade, controle dos sentidos, tolerância, simplicidade, conhecimento pleno, fé plena em Deus — e não simplesmente

orgulhar-se de uma ascendência elevada. Ser filho de um brāhmaṇa é uma oportunidade de tornar-se brāhmaṇa, assim como ser filho de um grande homem é uma oportunidade de tornar-se um grande homem.

Mas esse direito de nascimento não é tudo, pois a pessoa ainda tem de adquirir por si mesma as qualificações bramânicas. Tão logo alguém se orgulhe de seu nascimento como filho de brāhmaṇa e negligencie a aquisição das qualificações de um verdadeiro brāhmaṇa, degrada-se de imediato e se desvia do caminho da autorrealização, e sua missão de vida como ser humano fica frustrada. No Bhagavad-gītā, o Senhor nos assegura que os yoga-bhraṣṭas, ou as almas caídas do caminho da autorrealização, recebem uma oportunidade de retificação, nascendo em famílias de bons brāhmaṇas ou em famílias de comerciantes ricos. Essas são as oportunidades superiores para a autorrealização: tornar-se filho de um homem rico ou tornar-se filho de um bom brāhmaṇa.

E, se o ser humano iludido desperdiçar essas oportunidades, o resultado é que ele perde a boa oportunidade da vida humana, oferecida pelo Senhor Todo-poderoso. Os princípios reguladores são tais que quem os segue é promovido do plano das atividades fruitivas ao plano do conhecimento transcendental, e, a partir do conhecimento transcendental, torna-se perfeito, depois de muitos e muitos nascimentos, quando se rende ao Senhor. Esse é o procedimento geral. Quem, porém, se rende logo no início, como se menciona neste mantra, ultrapassa de imediato todas as

etapas de progresso pela simples adoção da atitude devocional. Como se afirma no Gītā, o Senhor imediatamente Se encarrega dessa alma rendida e a livra de todas as reações de seus atos pecaminosos.

Nas atividades de karma-kāṇḍa, há muitas ações pecaminosas, e no jñāna-kāṇḍa, o caminho do desenvolvimento filosófico, o número dessas ações é menor. Mas no serviço devocional ao Senhor, o caminho do bhakti, praticamente não há possibilidade de reações pecaminosas. Quem é devoto do Senhor alcança todas as boas qualificações do próprio Senhor, isso para não falar de tornar-se brāhmaṇa. O devoto adquire automaticamente as qualificações de um brāhmaṇa experiente, autorizado a realizar sacrifícios, ainda que não tenha nascido em família de brāhmaṇa. Tal é a onipotência do Senhor: Ele pode fazer com que um homem nascido em família de brāhmaṇa se degrade tanto quanto um comedor de cães de baixo nascimento, e pode também fazer com que um comedor de cães de baixo nascimento se torne superior a um brāhmaṇa qualificado, simplesmente pela força do serviço devocional.

O Senhor onipotente, estando situado no coração de todos, pode dar instruções a Seu devoto sincero quanto ao caminho correto. Tais instruções são oferecidas especialmente ao devoto, mesmo que ele deseje outra coisa. Aos demais, Deus dá Sua sanção apenas por conta e risco de quem age; no caso do devoto, porém, o Senhor o dirige de tal maneira que ele nunca age erradamente. No Śrīmad-Bhāgavatam, declara-se que o Senhor é

tão bondoso com Seu devoto que, mesmo quando este às vezes cai no enredamento do vikarma — atos contrários às instruções dos Vedas —, o Senhor retifica de imediato, de dentro do coração, os erros do devoto, porque esses devotos são muito queridos do Senhor.

Aqui, neste mantra, o devoto ora ao Senhor que o retifique de dentro de seu coração. Errar é humano: a alma condicionada está muitas vezes sujeita a cometer erros, e a única medida corretiva para esses pecados desconhecidos é entregar-se aos Pés de Lótus do Senhor, para que Ele guie o devoto. O Senhor assume esse encargo no caso das almas plenamente rendidas, e assim todos os problemas se resolvem pelo simples fato de a pessoa render-se ao Senhor e agir conforme as instruções do Senhor. Tais instruções são dadas ao devoto sincero de duas maneiras: uma é por meio dos santos, das escrituras e do mestre espiritual; a outra é pelo próprio Senhor, que reside no coração de todos.

Assim, o devoto está protegido sob todos os aspectos. O conhecimento Védico é transcendental e não pode ser compreendido por simples procedimentos educacionais mundanos. Só se podem compreender os mantras Védicos pela graça do Senhor e do mestre espiritual. Se alguém se abriga em um mestre espiritual genuíno, deve-se entender que ele obteve a graça do Senhor. O Senhor aparece como o mestre espiritual para o devoto. E assim o mestre espiritual, os preceitos Védicos e o próprio Senhor, de dentro, guiam o devoto com toda a força, e não há possibilidade de que esse devoto caia novamente no

lamaçal da ilusão material. O devoto, assim protegido por todos os lados, com certeza alcançará o destino último da perfeição.

Todo o processo é indicado neste mantra do Śrī Īśopaniṣad, e o Śrīmad-Bhāgavatam o explica ainda mais detalhadamente. Ouvir e cantar as glórias do Senhor são, em si mesmos, atos de piedade. O Senhor quer que todos façam isso, porque Ele é o benquerente de todas as entidades vivas. E, pela prática desse ouvir e cantar das glórias do Senhor, a pessoa se purifica de todas as coisas indesejáveis dentro de si. Sua devoção se fixa no Senhor. Nessa etapa, o devoto adquire as qualificações bramânicas, e as reações resultantes das qualidades inferiores desaparecem por completo. Ele se ilumina plenamente mediante esse serviço devocional e, assim, conhece o caminho do Senhor e a maneira de alcançá-Lo. Todas as dúvidas se desvanecem, e ele se torna um devoto puro. Assim terminam os Significados Bhaktivedanta do Śrī Īśopaniṣad, o conhecimento que aproxima a pessoa da Suprema Personalidade de Deus, Kṛṣṇa.